

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Sugestionabilidade: suas características e
correlações com outras variáveis psicológicas**

MARCILIO LIRA DE SOUZA FILHO

Recife

2007

MARCILIO LIRA DE SOUZA FILHO

**Sugestionabilidade: suas características e
correlações com outras variáveis psicológicas**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação
de Psicologia da Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Cognitiva.
Orientador: Dr. Antônio Roazzi.

Recife

2007

Souza Filho, Marcilio Lira de

Sugestionabilidade: suas características e correlações com outras variáveis psicológicas. – Recife: O Autor, 2007.

127 folhas : il., fig., gráf., tab.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia Cognitiva. Recife, 2007.

Inclui: bibliografia e anexos

1. Sugestionabilidade – Hipnose. 2. Fenômenos psicológicos. 3. Influência social. 4. Desejabilidade Social. 5. Estratégias de Enfrentamento. 6. Saúde Mental - Sexo. I Título.

159.962

154.7

ed.)

CDU (2.

CDD (22. ed.)

UFPE

BCFCH2007/95

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcílio Lira de Souza Filho

Sugestionabilidade: suas características e correlações com as outras variáveis psicológicas.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do
título de Mestre.
Área de Concentração: Psicologia
Cognitiva

Aprovado em: 12 de fevereiro de 2007

Banca Examinadora

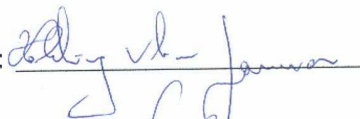
Prof. Dr. Antonio Roazzi
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



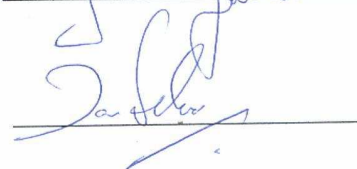
Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia
Instituição: UFPB

Assinatura:



Prof. Dr. Jorge Tarcísio da Rocha Falcão
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



AGRADECIMENTOS

A Deus e a Nossa Senhora aos quais, sendo eu um sertanejo, não poderia deixar de honrar com as primícias de minha gratidão pela profusão de bênçãos com as quais fui cumulado ao longo de minha formação.

Ao Prof. Antônio Roazzi que desde o primeiro momento em que o procurei foi sempre muito solícito. Sua prontidão em me atender, sua alegria e descontração ao me orientar e sua confiança em meu trabalho se constituíram a medida de uma parceria bem sucedida.

Ao Prof. Valdiney Veloso Gouveia que, além de ter aceito gentil e prontamente o convite de participar de minha banca, foi o grande responsável pela minha iniciação acadêmica.

À Prof.^a Graça Bom Pastor Borges Dias por sua zelosa contribuição na revisão de meu trabalho, por seu incentivo e, principalmente, por sua incomparável simpatia.

A Prof.^a Alina Galvão Spinillo por sua confiança em meu esforço, sua constante atenção e, principalmente, por seu inestimável apreço.

Aos meus pais Maria de Fátima Damacena e Marcilio Lira de Souza pelos sacrifícios e esforços que fizeram, pela confiança constante e pelo carinho e zelo infindáveis.

À Alessandra, fonte constante de incentivo e inspiração, por sua compreensão, companheirismo, cumplicidade e, principalmente, pelo seu imenso amor.

Aos meus avós maternos Maria Alves Damacena e José Temóteo Damacena (In Memoriam) pelo exemplo de união e verdadeiro amor que me deram e pela generosidade de me oferecerem com alegria e satisfação o seu “pouco”, que para mim sempre teve valor incalculável.

Aos meus avós paternos Maria Lira e Francisco Assis de Souza (In Memoriam) pelo grande exemplo de união que me deram e por sua incessante generosidade que, recorrentemente, tornavam mais leve o fardo e suave o jugo da minha caminhada.

Aos meus irmãos Valéria Damacena Lira e Flávio Damacena Lira pelo grande companheirismo e inabalável união fraterna.

À meu tio Francisco de Assis Damascena e sua família que sempre representaram para mim uma mão amiga, sempre pronta a me apoiar.

Às minhas tias Maria Auxiliadora Lira e Paula Lira e suas famílias pelo apóio e incentivo que recorrentemente me dirigiram.

A Denise Alves Damacena e Maria do Socorro Alves Damacena pelo carinho, respeito e consideração que ininterruptamente me dedicaram.

A Lucélia de Souza Abreu e Luciana Souza de Abreu pela acolhida e por terem me proporcionado dias de boas gargalhadas.

A Maria do Espírito Santo Gusmão (Dona Santa) por ter me acolhido e aceito com o carinho de uma mãe.

Ao Pe. Gervásio Fernandes de Queiroga e meus amigos de seminário por terem sido um fulcro seguro de meu crescimento moral e intelectual.

Ao meu amigo Flávio Lúcio Almeida Lima (O Mago) pela lealdade e enorme dedicação fraterna e por compartilhar comigo sua belíssima família.

A Deliane, Célia, Estefânea, Josevânea, Maria Luíza, Marina e Tatiana, meus queridos companheiros de caminhada acadêmica, com os quais também compartilhei grandes lições de vida.

A Adriana, Alena, Daianne, Luciana, Maira, Monique, Paulo e Robson, meus estimados colegas de Mestrado, com os quais vivi bons momentos de crescimento intelectual.

A Márcia Cristina Penaforte por sua grande contribuição à minha formação profissional e, sobretudo, pela sua amizade.

Aos funcionários da UFPE pelo tratamento atencioso que dispensaram durante minha passagem pelo mestrado, notadamente a **Elaine, Vera Amélia e Vera Lúcia.**

À Editora Universitária da UFPE, especialmente à **Prof.^a Maria José de Matos Luna** pela solicitude com que atendeu ao pedido de confecção dos questionários utilizados para a pesquisa que foi conduzida nesta dissertação.

A todos os respondentes voluntários de pesquisa que permitiram a realização desta dissertação

Ao CNPq pelo apoio financeiro sob a forma de bolsa de estudo oferecida para a realização desta pesquisa.

RESUMO

SOUZA FILHO, M. L. **Sugestionabilidade: suas características e correlações com outras variáveis psicológicas**. 2007. 127p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco.

A sugestionabilidade vem sendo apontada na literatura como variável fundamental na explicação da hipnose e de outros fenômenos psicológicos, contudo, ainda é pouco explorada, sobretudo do ponto de vista empírico. Apesar da relevância de compreender a sugestionabilidade, e até mesmo a hipnose, no Brasil, poucos estudos que tratassem explicitamente esses tópicos foram encontrados. Levando em conta essas observações, a presente dissertação teve como objetivo avaliar o construto sugestionabilidade como composto por traços ou fatores intra-sujeito, mais especificamente pelos fatores *fantasiosidade*, *influenciabilidade*, *absorção* e *implicação emocional*. Ademais, buscou-se identificar como a sugestionabilidade, assim definida, estaria relacionada com variáveis como a *desejabilidade social*, as *estratégias de enfrentamento de problemas*, a *saúde/doença mental* e o *sexo*. Participaram da pesquisa 224 estudantes universitários de diversos cursos da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa). A amostra foi composta, predominantemente, por participantes do sexo feminino (58%), solteiros (83,9%) e tinham, em média, 22,9 anos de idade ($DP = 5,6$). Todos responderam a um questionário que continha, além de questões sócio-demográficas, as medidas selecionadas para avaliar os construtos aqui delimitados, inclusive o *Inventário de Sugestionabilidade*, composto pelos fatores supramencionados, o qual se pretendia validar para o contexto brasileiro. A partir das análises dos dados foi possível verificar que o instrumento usado para mensurar a sugestionabilidade demonstrou uma estrutura fatorial coerente e com uma configuração próxima àquela demonstrada na sua versão original. Por meio de uma análise fatorial confirmatória, comprovou-se a adequação de um modelo com três dos fatores esperados (*fantasiosidade*, *influenciabilidade* e *absorção*). Os indicadores de adequação de ajuste foram: $\chi^2/g.l = 1,85$; $GFI = 0,88$; $AGFI = 0,85$; $RMSEA = 0,06$. Neste sentido, pode-se afirmar a sua validade. Ademais, o inventário apresentou um indicador de confiabilidade satisfatório (Alfa de Cronbach = 0,79). Os dados ainda possibilitaram evidenciar que a sugestionabilidade correlacionou-se negativamente com a desejabilidade social ($r = -0,26$, $p < 0,001$) e a saúde mental ($r = -0,23$, $p < 0,001$), e positivamente com as estratégias de enfrentamento, sobretudo com aquelas *focalizadas na emoção* ($r = 0,41$, $p < 0,001$). Observou-se também que o nível médio de sugestionabilidade foi maior nas mulheres ($M = 2,13$; $DP = 0,55$) em comparação com os homens ($M = 1,97$; $DP = 0,56$), $F(1) = 4,41$; $p < 0,05$. Esses achados são discutidos em termos do embasamento cognitivo que a sugestionabilidade, tal como foi definida, pode oferecer para a manifestação dos construtos considerados.

Palavras-Chave: Sugestionabilidade; Desejabilidade Social; Estratégias de Enfrentamento; Saúde Mental; Sexo.

ABSTRACT

SOUZA FILHO, M. L. **Suggestibility: characteristics and correlations with other psychological variables.** 2007. 127p. Master Thesis – Graduate Program of Cognitive Psychology – Federal University of Pernambuco.

The suggestibility is indicated in the literature as a fundamental variable in the explanation of the hypnosis and of other psychological phenomena, however, still there are few empiric studies above this variable. In spite of the relevance of understanding the suggestibility, and even the hypnosis, in Brazil, few studies that work those topics directly they were found. Considering those observations, the present thesis had as objective evaluates the construct suggestibility as composed by traits, more specifically for the factors: *fantasy proneness*, *influence proneness*, *absorption*, and *emotional implication*. Also, was examined as the suggestibility would be related the variables: social desirability, coping, the mental health / disease and sex. Two hundred and twenty-four subjects, all undergraduate students of University Federal from Paraíba (João Pessoa – Brazil), took part in the study. Most of them were female (58%), single (83.9%) and with a mean age of 22.9 years old ($SD = 5.6$). They answered a questionnaire with scales to evaluate the constructs above mentioned, mainly with the Inventory of Suggestibility, and too a part from sociodemographic questions. The analyses of the data demonstrated that the Inventory of Suggestibility presented a factorial structure composed by three factors: *fantasy proneness*, *influence proneness*, and *absorption*. That multi-factorial model of the suggestibility presented acceptable goodness of fit indexes ($\chi^2/g.l = 1.85$; GFI = .88; AGFI = .85; RMSEA = .06). In this sense, its validity can be affirmed. The inventory also presented a satisfactory reliability (Cronbach's Alphas = .79). The data also showed that the suggestibility was correlated negatively with the social desirability ($r = -.26$, $p < .001$) and with the mental health ($r = -.23$, $p < .001$), and positively with the coping, mainly with the coping emotion-focused ($r = .41$, $p < .001$). Finally, was observed that the medium level of suggestibility was larger in the women ($M = 2.13$; $SD = .55$) in comparison with the men ($M = 1.97$; $SD = .56$), $F(1) = 4.41$; $p < .05$. Those finds are discussed in terms of the cognitive support that the suggestibility can offer for the manifestation of the considered constructs.

Keywords: Suggestibility; Social Desirability; Coping; Mental Health; Sex.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1- Modelo multifatorial do <i>Inventário de Sugestionabilidade</i>	90
Gráfico 1- Histograma da variável sugestionabilidade.....	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização da amostra.....	71
Tabela 2- Poder discriminativo dos itens do <i>Inventário de Sugestionabilidade</i>	83
Tabela 3- Comparação entre os valores próprios (<i>eigenvalues</i>) aleatórios e os empíricos gerados a partir dos itens do <i>Inventário de Sugestionabilidade</i>	85
Tabela 4- Estrutura fatorial do <i>Inventário de Sugestionabilidade</i>	87
Tabela 5- Correlações entre a pontuação total do <i>Inventário de Sugestionabilidade</i> (IS Total) e seus fatores.....	89
Tabela 6- Correlação entre a sugestionabilidade e as estratégias de enfrentamento.....	94
Tabela 7- Correlação entre a sugestionabilidade e a desejabilidade social.....	96
Tabela 8- Correlação entre a sugestionabilidade e indicadores de saúde/doença mental.....	97
Tabela 9- Comparação de médias na sugestionabilidade entre sexos.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I - DELIMITAÇÃO CONCEITUAL DA SUGESTIONABILIDADE	18
--	-----------

1.1. DELIMITANDO TERMOS PRÓXIMOS DA SUGESTIONABILIDADE: SUGESTÃO, HIPNOSE E INFLUÊNCIA SOCIAL	19
1.1.1. SUGESTÃO E SUGESTIONABILIDADE	19
1.1.2. SUGESTIONABILIDADE E HIPNOSE	21
1.1.3. SUGESTIONABILIDADE E INFLUÊNCIA SOCIAL	22
1.2. DIFERENTES TIPOS DE SUGESTIONABILIDADE	25
1.2.1. SUGESTIONABILIDADE HIPNÓTICA	26
1.2.2. SUGESTIONABILIDADE IMAGINATIVA	27
1.2.3. SUGESTIONABILIDADE MORAL	29
1.2.4. SUGESTIONABILIDADE INTERROGATIVA	33
1.2.5. SUGESTIONABILIDADE SENSORIAL (<i>WARMTH SUGGESTIBILITY</i>)	37
1.2.6. SUGESTIONABILIDADE COMO CARACTERÍSTICA PSICOLÓGICA PREEXISTENTE	38

CAPÍTULO II - A SUGESTIONABILIDADE E SEUS ANTECEDENTES HISTÓRICOS: O ESTUDO DA HIPNOSE E DOS FENÔMENOS DE MASSA	41
--	-----------

2.1. SUGESTIONABILIDADE E O ESTUDO DA HIPNOSE	43
2.1.1. HIPNOSE E SUGESTIONABILIDADE NA ANTIGUIDADE	43
2.1.2. FRANZ ANTON MESMER (1734-1815) E A PRIMEIRA TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO: O MAGNETISMO ANIMAL	44
2.1.3. JOSÉ CUSTODIO DE FARIA (1756-1819)	46
2.1.4. JAMES BRAID (1795-1860) E O HIPNOTISMO	47
2.1.5. JEAN MARTIN CHARCOT (1825-1893) E A ESCOLA DA SALPÊTRIÈRE	48
2.1.6. HIPPOLYTE BERNHEIM (1840-1919) E A ESCOLA DE NANCY	49
2.1.7. EMILE COUÉ (1857-1926)	50
2.1.8. A HIPNOSE HOJE	51
2.2. SUGESTIONABILIDADE E O ESTUDO DOS FENÔMENOS DE MASSA	52
2.2.1. GUSTAVE LE BON (1841-1931)	53
2.2.2. GABRIEL TARDE (1843-1904)	54
2.2.3. SCIPIO SIGHELE (1868-1913)	55
2.2.4. SIGMUND FREUD (1856-1939)	57
2.3. CONSIDERAÇÕES GERAIS	58

CAPÍTULO III - A SUGESTIONABILIDADE E ALGUNS DE SEUS CORRELATOS	59
--	-----------

3.1. DESEJABILIDADE SOCIAL E SUGESTIONABILIDADE	60
3.2. ENFRENTAMENTO DE PROBLEMAS (<i>COPING</i>) E SUGESTIONABILIDADE	62
3.3. SAÚDE/DOENÇA MENTAL E SUGESTIONABILIDADE	66
3.4. SEXO E SUGESTIONABILIDADE	68

CAPÍTULO IV - MÉTODO	70
-----------------------------------	-----------

4.1. AMOSTRA	71
4.2. INSTRUMENTOS	72
4.3. PROCEDIMENTO	77
4.4. ANÁLISE DE DADOS	78

CAPÍTULO V - RESULTADOS.....80

5.1. VALIDAÇÃO DO <i>INVENTÁRIO DE SUGESTIONABILIDADE</i>	82
5.1.1. TRADUÇÃO E VALIDAÇÃO SEMÂNTICA DOS ITENS	82
5.1.2. ANÁLISE DO PODER DISCRIMINATIVO DOS ITENS	83
5.1.3. IDENTIFICANDO O NÚMERO DE FATORES: ANÁLISE PARALELA	85
5.1.4. A SUGESTIONABILIDADE E SUAS DIMENSÕES	87
5.2. DISTRIBUIÇÃO DA SUGESTIONABILIDADE	92
5.3. SUGESTIONABILIDADE E OUTRAS VARIÁVEIS	94
5.3.1. SUGESTIONABILIDADE E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE PROBLEMAS	94
5.3.2. SUGESTIONABILIDADE E DESEJABILIDADE SOCIAL	96
5.3.3. SUGESTIONABILIDADE E SAÚDE MENTAL	97
5.3.4. SUGESTIONABILIDADE E SEXO	99

CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO101

6.1. A SUGESTIONABILIDADE E SUAS CARACTERÍSTICAS: O <i>INVENTÁRIO DE SUGESTIONABILIDADE</i>	103
6.2. SUGESTIONABILIDADE: SUAS CORRELAÇÕES COM OUTRAS VARIÁVEIS	105
6.2.1. SUGESTIONABILIDADE E DESEJABILIDADE SOCIAL	105
6.2.2. SUGESTIONABILIDADE E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO (<i>COPING</i>)	107
6.2.3. SUGESTIONABILIDADE E SAÚDE/DOENÇA MENTAL	108
6.2.4. SUGESTIONABILIDADE E SEXO	109
6.3. APLICABILIDADE DO ESTUDO	111
6.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	113

CAPÍTULO VII - REFERÊNCIAS.....115

CAPÍTULO VIII - ANEXOS121

ANEXO I – FOLHA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	122
ANEXO II – INVENTÁRIO DE SUGESTIONABILIDADE	123
ANEXO III – ESCALA DE DESEJABILIDADE SOCIAL	124
ANEXO IV – ESCALA MODOS DE ENFRENTAMENTO DE PROBLEMAS (<i>EMEP</i>)	125
ANEXO V – QUESTIONÁRIO DE SAÚDE GERAL (<i>QSG</i>)	127
ANEXO VI – QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO	128

INTRODUÇÃO

Alguns dos fenômenos que mais têm chamado a atenção do público em geral são aqueles que envolvem a sugestão e a sugestionabilidade. Um exemplo que poderia embasar tal afirmação é o interesse despertado pelos hipnotizadores de palco. Também na psicologia tais fenômenos sempre despertaram muita atenção e estiveram presentes, como alvo de interesse, em diversas áreas da psicologia. Na *psicologia social*, com a relação entre a sugestão e as expectativas, atribuições, atitudes e influência social; na *psicologia cognitiva* com o efeito da sugestão sobre os processos de memória, percepção e imaginação; na *psicofisiologia* e *psicobiologia*, com o efeito da sugestão sobre o sistema nervoso e os processos imunológicos, o controle da dor, o efeito placebo e a intenção de estados emocionais. Já na *psicologia clínica*, têm sido explorado o papel da sugestão em diversas técnicas de relaxamento, na compreensão da hipnose e do processo de intervenção terapêutica em geral. Na *psicopatologia*, entendendo a sugestionabilidade como variável interveniente em transtornos psicopatológicos como aqueles de ansiedade, dissociativos, os somatoformes ou os alimentares (ver GONZÁLEZ-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999).

Não obstante, não há dúvida de que o âmbito em que se tem estudado os fenômenos da sugestão e da sugestionabilidade com mais intensidade é o da hipnose, possivelmente porque a hipnose é considerada como uma situação em que a sugestionabilidade se encontra mais acentuada. Existem diversas vertentes teóricas que buscam explicar a hipnose, entretanto, independente da perspectiva adotada, as diversas explicações da hipnose sempre apontam de algum modo a

sugestão e a sugestionabilidade como elementos de destaque (ver GONZÁLEZ-ORDI, 1999).

Dessa maneira, tratar sobre a sugestionabilidade é remeter-se diretamente ao estudo da hipnose, posto que os esforços de pesquisa para compreender a sugestionabilidade confundem-se com aqueles direcionados à exploração da própria hipnose. Em função disso, ao longo desta dissertação, a sugestão e a sugestionabilidade aparecerão frequentemente associadas à hipnose, como é comum na literatura.

Essa temática teve no século XX a sua consolidação em termos de seu estatuto científico. González-Ordi (1999) ao analisar a produção científica, por meio da base de dados internacional *PsycLit* e utilizando a palavra-chave *hypnosis*, constatou a presença de alguns momentos marcantes.

Nos primeiros anos do século em questão, até por volta do final da década de 1920, os estudos eram praticamente inexistentes. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, em face da necessidade de rápidas e eficazes intervenções nos hospitais militares ou nos campos de batalha, observou-se um período de pico de produção. Esse interesse se manteve e culminou no surgimento de sociedades e periódicos especializados na temática da hipnose, a exemplo da *Society for Clinical and Experimental Hypnosis* e a *American Society of Clinical Hypnosis*, com seus respectivos periódicos, o *Journal of Clinical and Experimental Hypnosis* e o *American Journal of Clinical Hypnosis*. Ademais, surgiram também laboratórios de psicologia dedicados ao estudo da hipnose.

Mais recentemente, a década de 1980 mostrou-se como o período mais produtivo em termos de publicações em toda história da hipnose. Entre 1980 e 1989 foi contabilizado um total de 1849 artigos publicados, são mais de 150 trabalhos

publicados a cada ano tratando de uma mesma temática. Isso deixa bastante evidente o interesse e, tacitamente, demonstra, a relevância do assunto.

Contudo, a natureza da sugestionabilidade, variável central na explicação da hipnose e de outros fenômenos psicológicos, ainda é pouco explorada. De fato, como comenta Gonzáles-Ordi (1999), as duas recentes publicações bibliográficas que trazem no título as expressões “sugestionabilidade” e “sugestão”, a saber, *Suggestion and Suggestibility: Theory and Research* (publicado em 1989 e editado por V. Gheoghiu, P. Netter, H. J. Eysenck e R. Rosenthal) e *Human Suggestibility: Advances in Theory, Research, and Application* (publicado em 1991 e organizado por J. F. Schumaker) têm, respectivamente, metade (15 de 30 capítulos) e mais de um terço (5 de 18 capítulos) de seus capítulos dedicados à hipnose. Este exemplo é pontual, mas ilustra bem a disparidade entre os esforços direcionados para compreensão da hipnose, em detrimento de um enfoque mais centrado no fenômeno da sugestionabilidade, o que chama a atenção para a necessidade de mais estudos que visem compreender melhor esse construto.

Apesar da relevância de compreender a hipnose e a sugestionabilidade, no Brasil poucos estudos que tratassem explicitamente esses tópicos foram encontrados. Com relação à hipnose, estudos empíricos controlados não foram encontrados, muito embora se observe com mais frequência trabalhos no sentido de apresentar a hipnose científica, sua evolução histórica, suas características e possibilidades (ver, e.g., BELLIBONI, 1958; CAMARA, 1996, 1997, 1998; MELLO; ARRUDA, 2000; PASSOS, 1957a, 1957b; WIDMAR, 1988).

Especificamente, no caso da sugestionabilidade, uma exceção é a pesquisa de Dias, Saltzstein e Millery (1999), que explora as relações entre a sugestionabilidade e o raciocínio moral de crianças brasileiras e estadunidenses.

Estes autores, ao apresentarem dilemas morais às crianças, observaram como as intervenções sugestivas dos experimentadores modificavam as escolhas anteriormente tomadas pelas crianças face aos dilemas. Esse trabalho assume um caráter pioneiro no contexto brasileiro na medida em que trata de forma empírica o construto sugestionabilidade.

Outra exceção é o estudo de Stein e Neufeld (2001) sobre falsas memórias. Neste trabalho é focado o efeito que a sugestão e a sugestionabilidade podem ter sobre a memória. Estes autores apontam que há duas formas pelas quais a sugestão pode prejudicar a memória, gerando falsas memórias; uma espontânea por auto-sugestão e outra via implantação externa através de sugestão.

Apesar de buscarem explorar os efeitos da sugestionabilidade os trabalhos encontrados aqui no Brasil não buscam fazer quaisquer considerações acerca da natureza constitutiva da sugestionabilidade. Não foram localizadas publicações que contemplassem o estudo empírico das dimensões conceituais da sugestionabilidade. Contribuir com esse marco teórico já seria motivante suficiente para justificar um empenho nesse sentido, não obstante, as implicações práticas de um estudo mais cuidadoso dessa temática animam ainda mais sua efetivação.

No que toca a esses aspectos mais diretamente aplicáveis da sugestionabilidade cabe mencionar o uso da hipnose como ferramenta terapêutica (ERICKSON; HERSHMAN; SECTER, 1998). Apesar de hipnose com fins terapêuticos ser um tema profusamente abordado, sua regulamentação aqui no Brasil é ainda muito recente. Entidades de regulação profissional como o Conselho Federal de Psicologia e o Conselho Federal de Medicina, regulamentaram o uso de técnicas sugestivas ou hipnóticas há algo em torno de cinco anos atrás, a primeira em 1999 (CFM, Processo n. 42/99) e a segunda em 2000 (CFP, Resolução n.

13/00). Isso evidencia o caráter inicial, também do ponto de profissional, no qual esta área se encontra neste país.

Como se pode ver, a despeito do que se poderia pensar dada a amplitude do espectro de abrangência prática da sugestionabilidade, a exploração dessa temática ainda é bastante incipiente no Brasil. Neste sentido, pretende-se com esta dissertação contribuir com a exploração teórica e empírica da sugestionabilidade no contexto brasileiro, nomeadamente no que se refere aos seus aspectos constitutivos ou definidores e às suas relações com outras variáveis psicológicas cujos estudos ainda também são escassos, a saber, a desejabilidade social, as estratégias de enfrentamento de problemas (*coping*), a saúde/doença mental e o sexo.

O referencial teórico da dissertação encontra-se apresentado nos três primeiros capítulos a seguir. No primeiro são apresentadas considerações acerca do campo conceitual da sugestionabilidade. Na seqüência, no segundo capítulo, é feito um apanhado histórico do estudo da sugestionabilidade. No terceiro são apresentados relatos da literatura sobre algumas variáveis correlatas da sugestionabilidade, mais especificamente, sobre aquelas selecionadas para serem exploradas neste estudo. Em seguida, a descrição da etapa empírica é apresentada no quarto e no quinto capítulo, o método e os resultados, respectivamente. Por fim, a discussão geral é feita no sexto capítulo.

CAPÍTULO I - DELIMITAÇÃO CONCEITUAL DA SUGESTIONABILIDADE

I – DELIMITAÇÃO CONCEITUAL DA SUGESTIONABILIDADE

Uma dificuldade no trato com a temática da sugestionabilidade é a falta de consenso ou de unificação quanto às definições dos termos relacionados com esse construto, ficando por vezes confuso diferenciar expressões que às vezes se sobrepõem parcialmente ou que possuem conteúdo semântico próximo, como por exemplo, *sugestão*, *sugestionabilidade*, *hipnose*, *influência social* etc. Neste capítulo, procurar-se-á distinguir essas expressões com a finalidade de delimitar claramente o sentido aqui atribuído ao termo sugestionabilidade. Além disso, na seqüência, buscar-se-á também expor os diferentes tipos de sugestionabilidade apresentados pela literatura, bem como destacar qual será, dentre esses diversos tipos de sugestionabilidade, aquele considerado nas análises posteriores apresentadas nesta dissertação.

1.1. Delimitando Termos Próximos da Sugestionabilidade: Sugestão, Hipnose e Influência Social

1.1.1. Sugestão e Sugestionabilidade

Primeiramente, deve-se ter em conta que a sugestão é uma comunicação indicando que um indivíduo poderá ter uma experiência ou conduta determinada. Ela difere de uma instrução, de um comando ou de uma ordem na medida em que o receptor da sugestão irá emitir a resposta involuntariamente. Assim sendo, a frase “balance seu corpo pra frente e pra trás” é uma instrução, enquanto a frase “seu corpo está sentido uma irresistível vontade de balançar pra frente e pra trás” pode ser classificada como uma sugestão. A primeira evoca uma ação consciente,

deliberada, ao passo que a segunda acaba provocando uma resposta não voluntária.

A sugestionabilidade, por seu turno, refere-se à capacidade de acatar a sugestão, seria uma disposição ou atitude favorável a receber e dar forma à sugestão recebida. Enquanto a sugestão é o estímulo externo, a sugestionabilidade é a variável psicológica responsável por tratar esse estímulo e fazer com que ele acabe por se reverter em resposta (KIRSCH, 1999).

De acordo com Pöll (1962), a sugestão é um conteúdo que se apresenta à consciência e que é aceito, ou seja, um conteúdo verbal ou de qualquer outra natureza que é transmitido e acatado por uma pessoa. O sucesso de uma sugestão pode ser verificado por meio do comportamento da pessoa a quem a sugestão foi dirigida. Havendo correspondência entre o conteúdo da sugestão e o comportamento emitido, pode-se inferir que a sugestão foi eficaz. Pöll (1962, p. 11) comenta ainda que para uma sugestão ser bem-sucedida “(...) a pessoa não pode limitar-se a acolher a sugestão, senão apropriar-se dela, fazê-la sua (...)”. Essa “apropriação” de que fala o autor remete a um tipo de processamento, não tendo sido este explicitado em seu texto, que é responsável por converter um conteúdo recebido em uma resposta. Seria a sugestionabilidade esse processamento. Além da sugestionabilidade, outro fator que também é apontado como determinante do êxito de uma sugestão seria a capacidade expressiva de quem a transmite. Isto implica dizer que a efetivação de uma sugestão dependerá também da qualidade do estímulo sugestivo.

1.1.2. Sugestionabilidade e hipnose

Desde que a hipnose passou a ser estudada de forma científica foi predominante a visão da hipnose como marcada pela presença de um estado de consciência alterado. Atualmente, porém, há um forte debate acerca dessa questão. Pode-se identificar claramente a existência de dois paradigmas na explicação da hipnose. O primeiro é o paradigma tradicional, que considera a hipnose como um estado especial de consciência. Aqui a hipnose é definida como um estado de hipersugestionabilidade (aumento da sugestionabilidade). González-Ordi (1999) situa neste quadro autores como Kenneth S. Bowers, André. M. Weitzenhoffer e Lewis. R. Wolberg.

No segundo paradigma, mais recente e também o mais dominante na atualidade, denominado como sócio-cognitivo ou cognitivo-comportamental, rejeita-se a idéia do estado hipnótico como um estado especial de consciência e adotam-se como determinantes para explicação da hipnose variáveis como a motivação, as crenças, as expectativas, e as atitudes frente às tarefas a serem realizadas. Aqui a sugestão é também levada em conta para explicação do processo hipnótico. Neste sentido, Spanos (1996, apud GONZÁLES-ORDI, 1999, p. 4) comenta que “(...) as sugestões hipnóticas são formas de comunicação que convidam os sujeitos a construírem imaginariamente situações em termos de ‘como se...’, definir essas situações ‘como se’ fossem reais e realizar comportamentos congruentes com a definição das situações imaginadas como reais”. Neste paradigma González-Ordi (1999) também aponta teóricos como, por exemplo, Theodore X. Barber, Nicholas P. Spanos, Irving Kirsch e Graham F. Wagstaff.

O importante a ser destacado aqui, a respeito dessas duas vertentes teóricas explicativas do fenômeno hipnótico, é o fato de que ambas tomam a sugestão e a sugestionabilidade como elementos considerados em suas explicações. Esta situação é suficiente para afirmar de modo contundente a crucial importância de tais variáveis para o fenômeno hipnótico. Não se deve, contudo, pensar que a hipnose seja o mesmo ou que se reduza à sugestão e/ou à sugestionabilidade, não se trata disso. O que ocorre, na verdade, é que estas variáveis concorrem grandemente na explicação da hipnose.

1.1.3. Sugestionabilidade e Influência Social

A sugestionabilidade e a sugestão estão intimamente relacionadas aos mecanismos de influência social. Em processos sociais como a persuasão e os fenômenos de massa essa relação é bem evidente.

Uma comunicação persuasiva visa fazer com que um interlocutor modifique crenças, opiniões, atitudes ou valores de outro. A sugestão e a sugestionabilidade participam de uma comunicação persuasiva quando o apelo comunicativo não se centra nas idéias e nos aspectos lógicos dos argumentos empreendidos para a mudança, mas quando o interlocutor apela para outros artifícios como o tom da voz, os gestos eloqüentes, posturas que inspirem autoridade e segurança, enfim, elementos que fazem com que o interlocutor adira à mudança sem que tal adesão tenha como base a consideração detalhada das idéias e dos juízos de seu persuasor (PÖLL, 1962).

Esta mesma idéia pode ser analisada levando-se em conta um dos mais eficazes modelos de comunicação persuasiva atualmente, o chamado *Modelo da*

Probabilidade de Elaboração, de Petty e Cacioppo (1986, apud GONZÁLES-ORDI, 1999). De acordo com esse modelo existem duas rotas pelas quais uma atitude poderia ser modificada. A primeira delas é a *rota central de persuasão* pela qual um sujeito a ser persuadido atentaria para o conteúdo e coerência da mensagem persuasiva e seriam ponderados os seus aspectos positivos e negativos. Já na segunda, a *rota periférica de persuasão*, o indivíduo não despende muito esforço cognitivo, tem-se em conta aqui apenas aspectos colaterais da circunstância em que a persuasão ocorre como, por exemplo, a credibilidade e atratividade da fonte geradora da mensagem ou o potencial de produção de respostas emocionais que tal fonte é capaz de originar.

São a motivação e a capacidade dos indivíduos processarem ou elaborarem os argumentos de uma comunicação persuasiva que modulam a rota de persuasão a ser escolhida, isto é, quanto mais alta for a probabilidade de elaboração, maior a possibilidade de que se adote a rota central de elaboração e, pelo contrário, quanto menor for a probabilidade de elaboração mais provável será a que seja adotada a rota de elaboração periférica. Para Gonzáles-Ordi (1999) uma vez que a rota periférica de elaboração estaria mais fortemente vinculada a aspectos mais emocionais e os processos de racionalização estariam menos ativos, representaria a rota periférica o componente sugestivo da comunicação persuasiva.

No que diz respeito aos fenômenos estudados pela chamada *psicologia das massas*, vê-se também uma consideração da sugestão e da sugestibilidade. Esses estudos se deram de forma acentuada no século XIX devido às profundas transformações sociais ocorridas na Europa que contribuíram para a formação de um período marcado por freqüentes agitações e convulsões sociais. Muitos cientistas sociais se voltaram para compreender a psicologia das multidões no intuito

de entender como pacatos e ordeiros cidadãos poderiam, uma vez pertencendo a uma multidão, tornarem-se depredadores enfurecidos ou até mesmo assassinos (no Capítulo II este tema será abordado mais detalhadamente).

É, sobretudo, com Gustav Le Bon e Gabriel Tarde que idéias como *sugestão*, *contágio* e *hipnose* são explicitamente usadas na explicação dos fenômenos de massa. Para G. Le Bon, em sua clássica obra *A psicologia das massas*, publicada originalmente em 1895, os mecanismos pelos quais se pode explicar o proceder inconsciente e irracional das multidões são a sugestão e o contágio emocional. O indivíduo na massa não seria mais o mesmo, posto que perde sua volição e torna-se um autômato. Na massa a personalidade consciente desapareceria e daria lugar ao predomínio de uma personalidade inconsciente, uma orientação de sentimentos e pensamentos todos dirigidos num mesmo sentido por meio da *sugestão* e do *contágio*, e as idéias sugeridas imediatamente seriam convertidas em atos.

Defendendo que a consciência coletiva não tem uma existência independente dos indivíduos, Gabriel Tarde argumenta que os processos sociais se explicariam pela combinação da interação mental, ou seja, da influência de umas mentes sobre outras via *imitação* e *contágio* (ÁLVARO-ESTRAMIANA, 1995). De acordo com este teórico, uma multidão é muito mais crédula que um indivíduo separadamente porque, ao voltarem sua atenção para um único objeto, os indivíduos se põem numa situação de “monoideísmo coletivo”, o que os poria em uma situação semelhante a um estado como o sono ou a hipnose e teria sua consciência individual e seu poder de crítica reduzido, aceitando a primeira idéia que lhes for oferecida.

Como é possível perceber, considerando tudo que foi comentado até o momento, a sugestionabilidade é um construto distinto de outros que, geralmente, são associados a ele. Entretanto, a literatura utiliza a expressão “sugestionabilidade”

com certa heterogeneidade. No geral, esse termo sempre vem acompanhado de um qualificador que o especifica. Desse modo, fala-se, por exemplo, em “sugestionabilidade moral” (DIAS; SALTZSTEIN; MILLERY, 1999; SALTZSTEIN; DIAS; MILLERY, 2004), “sugestionabilidade interrogativa” (GUDJONSSON, 1984, 1992), “sugestionabilidade imaginativa” (BRAFFMAN; KIRSCH, 1999), “sugestionabilidade sensorial (*warmth suggestibility*)” (GHEORGHUIA; POLCZYK; KAPPELLER, 2003) ou “sugestionabilidade hipnótica” (WEITZENHOFFER, 1980). Cada um desses “tipos” de sugestionabilidade será especificado no tópico seguinte.

1.2. Diferentes Tipos de Sugestionabilidade

Antes de falar sobre os diferentes tipos de sugestionabilidade, é relevante assinalar que existem algumas tipologias ou categorias por meio das quais os diversos tipos de sugestionabilidade poderiam ser agrupados. Uma delas é a que divide a sugestionabilidade em *hipnótica* (aquela circunscrita ao âmbito da hipnose) e *não-hipnótica* (qualquer tipo que seja considerada fora da hipnose) (KIRSH, 1997, apud BRAFFMAN; KIRSCH, 1999). Uma outra forma de classificação divide a sugestionabilidade também em dois grupos, a *direta* e a *indireta* (SIDIS, 1898). Na primeira, é dito ao sujeito o que se espera dele e ele é ciente de que a sua sugestionabilidade está sendo mensurada (como, por exemplo, a sugestionabilidade hipnótica) e na segunda, o experimentador não deixa explícito que está buscando avaliar a sugestionabilidade (como, por exemplo, a sugestionabilidade moral). Deve-se ressaltar, contudo, que o uso dessas classificações não é consensual.

O outro ponto a ser destacado é o fato de que, muito embora possam estar relacionados, deve-se ter em conta que, apesar de estarem sobre a mesma

denominação, os mecanismos dos diferentes tipos de sugestionabilidade são diferentes. Em outras palavras, apesar de haver uma base de determinantes comum entre esses diversos tipos, existem particularidades em cada um deles, como será possível perceber na sequência.

1.2.1. Sugestionabilidade Hipnótica

A despeito de serem elementos distintos, ainda que bastante próximos, a susceptibilidade hipnótica e a sugestionabilidade hipnótica, frequentemente, são tratados como sinônimos. A literatura vem conceituando a hipnotizabilidade ou susceptibilidade hipnótica como um aumento da sugestionabilidade produzida pela hipnose (WEITZENHOFFER, 1980).

A susceptibilidade hipnótica diz respeito ao quão fácil um indivíduo pode ser hipnotizado. Pessoas altamente imaginativas e que têm propensão à fantasia são bastante responsivas à hipnose (SILVA; KIRSCH, 1992), não obstante, aquelas que não têm alta magnitude desses traços também podem ser hipnotizadas. Conseguir ser hipnotizado depende em maior parte das aptidões e dos esforços do hipnotizado do que das habilidades de um hipnotizador (KIRSCH; LYNN, 1995).

Com relação à sugestionabilidade hipnótica, ela seria a capacidade ou a habilidade de se produzir experiências subjetivas ou comportamentos dentro do contexto da hipnose (HILGARD, 1973, apud HOMAR; SÁEZ, 2004). Pode-se dizer que ela estaria na essência do fenômeno hipnótico, uma vez que a hipnose tem como sua principal característica a mudança da sugestionabilidade. Hull (1933), por exemplo, afirma ser a hipnose um estado de hipersugestionabilidade.

As pesquisas sobre hipnose geraram o desenvolvimento de muitos instrumentos padronizados que permitiram a medição das respostas dos sujeitos às sugestões e o incremento da sugestionabilidade durante o processo hipnótico. Entre eles pode-se citar, por exemplo, a *Stanford Hypnotic Scale*, a *Harvard Group of Hypnotic Susceptibility*, a *Carleton University Responsiveness to Suggestion Scale* e a *Waterloo-Stanford Group C – WSGC – Scale of Hypnotic Susceptibility*.

O grau com o qual as pessoas respondem às sugestões pode ser modificado por meio de treinamentos (CANGA DÍAS; ALVAREZ, 1998; GORASSINI; SPANOS, 1986). Apesar disso, com a ausência de treinos de modificação, as pesquisas têm indicado que as pontuações de sujeitos adultos em diversas escalas permanecem relativamente estáveis por um período de 25 anos (PICCIONE; HILGARD; ZIMBARDO, 1989), evidenciando uma considerável estabilidade da sugestionabilidade hipnótica.

Sabe-se também que todas as experiências e respostas que são produzidas durante a hipnose também podem ser eliciadas sem a utilização da indução hipnótica. Na hipnose há, como já comentado, apenas um aumento, um incremento da sugestionabilidade (HULL, 1933). Portanto, neste sentido, a sugestionabilidade não estaria restrita exclusivamente ao âmbito da hipnose. Mas como seria a sugestionabilidade não-hipnótica? Nos tópicos seguintes esses outros tipos de sugestionabilidade serão apresentados.

1.2.2. Sugestionabilidade Imaginativa

Nas medidas usadas para avaliar a susceptibilidade à hipnose são utilizadas sugestões em que há um esforço para levar a pessoa a pensar que o mundo externo

realmente mudou. Por outro lado, as sugestões dadas para medir a sugestionabilidade hipnótica requerem a experimentação de um estado imaginário de situações. Por esta razão, de acordo com Kirsch (1997, apud BRAFFMAN; KIRSCH, 1999), a responsividade dada ao tipo de sugestão tipicamente dada em hipnose tem sido designada de sugestionabilidade imaginativa. Como apontam Braffman e Kirsch (1999), poucas variáveis disposicionais têm sido associadas confiavelmente com a sugestionabilidade hipnótica, contudo, o melhor preditor da sugestionabilidade hipnótica seria a sugestionabilidade imaginativa.

Têm-se, inadvertidamente, chamado a sugestionabilidade imaginativa de sugestionabilidade desperta. Essa terminologia é inadequada tendo em vista que a hipnose não é, neurologicamente falando, um estado de sono. Sugestionabilidade não-hipnótica também é problemático porque, como se verá nos tópicos adiante, existem outros tipos de sugestionabilidade não-hipnótica (tais como a sugestionabilidade sensorial, sugestionabilidade moral e a sugestionabilidade interrogativa).

Braffman e Kirsch (1999) diferem a sugestionabilidade imaginativa da sugestionabilidade hipnótica na medida em que a primeira é medida sem o uso de indução hipnótica. Em seu estudo mediram a sugestionabilidade hipnótica e a não-hipnótica com o mesmo instrumento, o CURSS (*Carlenton University Responsiveness to Suggestion Scale*). A diferença é que na medição da sugestionabilidade hipnótica foi utilizado um procedimento de indução hipnótica antes da administração do instrumento e para a avaliação da sugestionabilidade imaginativa esse procedimento não foi adotado.

Esses mesmos autores buscaram identificar qual o efeito da hipnose na sugestionabilidade e qual a relação de variáveis cognitivas e de personalidade com

a sugestionabilidade imaginativa. No geral, eles observaram que a sugestionabilidade hipnótica foi altamente correlacionada, de forma positiva, com a não-hipnótica (imaginativa). Contudo, esta relação deve ser analisada com base na ordem em que foram medidas a sugestionabilidade hipnótica e a imaginativa. Eles observaram que a sugestionabilidade imaginativa foi suprimida quando mensurada depois da sugestionabilidade hipnótica, entretanto a sugestionabilidade hipnótica não foi afetada pela ordem da mensuração. Isto significa que os participantes que já tinham sido avaliados na condição de hipnose responderam pouco às sugestões não hipnóticas em comparação com aqueles que ainda não tinham tido experiência com a hipnose e que ainda não sabiam que poderiam ser avaliados nessa condição.

Ademais, no que se refere às relações com as variáveis de personalidade e cognitivas, apontaram que a sugestionabilidade imaginativa mostrou-se correlacionada com a absorção, a propensão à fantasia, a motivação para experienciar as sugestões e a expectativa de resposta (isto é, o quanto se esperava responder subjetiva e comportamentalmente a cada uma das sugestões).

Apesar de a sugestionabilidade imaginativa ser independente da hipnose ela ainda preserva certa proximidade, sobretudo em função de seu contexto avaliativo. Não obstante, existem outros tipos de sugestionabilidade não-hipnótica que têm um destacado distanciamento da hipnose e passarão a ser descritos nos tópicos subseqüentes.

1.2.3. Sugestionabilidade Moral

Um diálogo ou uma entrevista são situações em que a influência social pode manifestar-se de forma direta ou indireta e elementos como o raciocínio ou

juízo moral podem ser afetados. A esse respeito, sugestibilidade moral tem sido o termo utilizado para se referir à influência que a sugestibilidade tem sobre o juízo moral (DIAS; SALTZSTEIN; MILLERY, 1999; SALTZSTEIN; DIAS; MILLERY, 2004).

O estudo conduzido por Dias, Saltzstein e Millery (1999) toma como ponto de partida a idéia *autonomia* e *heteronomia*. Crianças muito pequenas confundem a escolha de respostas moralmente adequadas com a deferência à autoridade. Tal tendência é chamada de heteronomia em contraste com a autonomia e estaria, supostamente, vinculada ao efeito da sugestibilidade no juízo moral.

Dias, Saltzstein e Millery (1999) contaram em sua pesquisa com estudantes brasileiros e estadunidenses, divididos em dois grupos de idade, um de 6 a 8 anos e outro de 10 a 12 anos. Todas as crianças foram entrevistadas por estudantes de graduação em psicologia. As entrevistadoras apresentaram a cada criança três histórias¹ com dilemas morais nos quais havia situações fictícias em que a criança deparava-se com o dilema de “dizer a verdade” (e isto envolvia quebrar uma promessa) ou “manter a promessa” (e isto implicava mentir)². Uma vez lida cada história, era solicitado à criança escolher entre os dois cursos de ação e justificar sua resposta. Após a criança ter respondido, a entrevistadora intervinha e sugeria à criança a escolha da outra alternativa possível. Essa contra argumentação das

¹ Um dos exemplos de história é o seguinte: *História de Zombar*. Todas as crianças estão sempre zombando de Jane, que é novata na escola. Cris é amiga de Jane e lamenta por ela e promete a Jane confirmar tudo que ela diz. Jane está realmente chateada e diz às outras crianças: “Eu recebi um prêmio muito importante na minha outra escola”. As outras crianças começam a rir e perguntam a Cris: “Jane realmente recebeu um prêmio, Cris?” Chris sabe que Jane nunca recebeu um prêmio na outra escola. O que Cris deveria fazer? Por quê?

² Note que os autores trabalham com dilemas morais, que não devem ser confundidos com conflito moral. No conflito moral, o indivíduo depara-se com uma situação conflituosa a partir da qual deve escolher entre agir conforme a norma moral ou de acordo com o desejo ou interesse pessoal. Já no caso do dilema moral, o indivíduo se vê diante de uma situação em que há duas opções moralmente aceitáveis, mas que terá que optar por uma delas. Em comparação com os conflitos, os dilemas morais seriam mais complicados, cognitivamente falando, de serem resolvidos.

escolhas iniciais com a conseqüente possível mudança foi o que foi utilizado para verificar a sugestionabilidade das crianças. Por fim, perguntava-se à criança o que ela pensava sobre o que um adulto iria responder caso estivesse em seu lugar.

Alguns dos resultados variaram em função das histórias. Os autores atribuem essa diferença à natureza de cada história posto que havia variações distintivas nas características dos dilemas. Entretanto, no geral, foi observado que na maioria dos dilemas, as crianças mais jovens foram mais sugestionáveis que as mais velhas e a escolha inicial de prometer esteve associada com a maior idade. Esse resultado foi vinculado com a maior heteronomia nas crianças menores e, por outro lado, maior autonomia das crianças mais velhas.

Aquelas crianças que escolheram prometer foram mais facilmente influenciadas do que aquelas que haviam escolhido inicialmente dizer a verdade. Isso estaria relacionado a um outro dado que demonstrou que as crianças, de ambas as nações, atribuíam aos adultos a escolha de contar a verdade. Significa, portanto, que tendo a criança adotado a escolha de prometer, mas percebendo que o adulto escolheria a verdade, reverterem mais facilmente sua escolha para a verdade quando desafiadas pela autoridade do adulto que conduzia a entrevista.

Observaram ainda que os estadunidenses foram mais sugestionáveis que os brasileiros, ou seja, mudavam suas escolhas com mais freqüência. Essa diferença não foi atribuída diretamente a diferenças de ordem cognitiva ou mesmo aos valores culturais entre as duas nações, mas às diferentes relações de autoridade entre professores e alunos em ambos os contextos. Enquanto no Brasil as professoras são mais afetuosas, frequentemente manifestando sua aceitação por meio de abraços ou afagos, nos Estados Unidos as relações são mais frequentemente formais. Isso, provavelmente, refletiu-se nas entrevistas, tendo as entrevistadoras

sido consideradas como “professoras substitutas”. Logo, como a relação com as entrevistadoras brasileiras foi mais afetiva e carinhosa e envolvia menos autoridade faz sentido que as respostas não tenham sido tão mais frequentemente alteradas como resultado de sugestões de figuras de autoridade.

Em outra pesquisa, seguindo o mesmo modelo metodológico e um delineamento similar, Saltzstein, Dias e Millery (2004) encontraram resultados similares ao estudo anterior. Essa pesquisa foi dividida em dois estudos. No primeiro, os resultados apresentados na pesquisa anterior se repetem. No segundo estudo são apresentados novos achados. Nele, tanto crianças brasileiras quanto as estadunidenses foram entrevistadas por um adulto e por um adolescente. Foi observada uma maior sugestionabilidade quando o entrevistador era adulto nos Estados Unidos, mas o mesmo não foi verificado no Brasil. Isso foi justificado como sendo resultado de diferenças culturais.

As pesquisas apresentadas têm mostrado que a sugestionabilidade influencia o julgamento moral por meio de interações complexas com outras variáveis. De maneira geral pode ser concluído que quando crianças pequenas estão em face de dilemas morais elas são mais sugestionáveis, mas esse grau de sugestionabilidade é um complexo resultado da natureza específica do dilema, de quem oferece a sugestão e de sua bagagem cultural. Simples conclusões, tais como crianças pequenas são mais sugestionáveis que as crianças maiores, não refletem adequadamente o fenômeno em questão.

1.2.4. Sugestionabilidade Interrogativa

A sugestionabilidade interrogativa diz respeito ao impacto que a sugestionabilidade pode ter para a produção de falsas memórias (GUDJONSSON, 1984, 1992). Há, sobretudo nos EUA e na Inglaterra, um forte interesse sobre como alguns contextos de interrogatórios poderiam produzir falsas memórias. Isso também vem sendo, particularmente, bastante estudando em crianças (ver, e.g., BRAINERD; REYNA, 1995; CECI; BRUCK, 1993).

Em um dos sub-processos mnemônicos, a *recuperação* de informações, dois “desvios” são possíveis. O primeiro deles, o *esquecimento*, fornece um nível de adaptabilidade ao organismo, posto que seria inviável e inoperacional um fluxo muito abundante de informação disponível. Uma segunda via são as *falsas memórias*, as quais se constituem em lembranças de algo não ocorrido. Como comentam Stein e Pergher (2001), de forma ampla, as falsas memórias referem-se ao fato de que é possível recordar eventos que de fato não aconteceram. Informações equivocadas são registradas na memória e posteriormente recordadas como se tivessem sido verdadeiramente vivenciadas.

Um dos trabalhos pioneiros a respeito das falsas memórias foi efetuado por Elizabeth Loftus e seus colaboradores. Loftus e Palmer (1974, apud STEIN; NEUFELD, 2001) introduziram um novo procedimento para o estudo dos processos de falsificação da memória, o chamado procedimento de sugestão da falsa informação. Neste procedimento, logo depois que uma experiência é vivida, é apresentada uma informação falsa que é compatível com essa experiência. Esse procedimento produz, conseqüentemente, um efeito, de diminuição dos índices de reconhecimentos verdadeiros e um aumento significativo dos falsos. Por exemplo,

em um típico experimento utilizando esse procedimento de sugestão, apresenta-se aos sujeitos uma cena original de um acidente de carro devido ao avanço inapropriado de um motorista frente a uma placa de “dê a preferência”. Em um momento seguinte, o experimentador sugere, para o grupo experimental, alterações quanto ao que havia sido visto na cena original (por exemplo, ao invés da placa de “dê a preferência”, era sugerido que a placa era de “pare”). Finalmente, em um terceiro momento, quando se testa a memória para a cena original, parte significativa dos sujeitos do grupo experimental sofre o efeito da sugestão da falsa informação, isto é, afirmam ter visto a placa de “pare”, apesar de terem sido instruídos a responderem com base somente na cena original, apresentada anteriormente.

Outro clássico trabalho são os estudos de Gudjonsson (1984, 1992) sobre a avaliação da sugestionabilidade interrogativa. Este autor concebe a relação da sugestionabilidade com a memória como sendo muito próxima na medida em que propõe uma medida de sugestionabilidade, a *Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson*, utilizando um procedimento que envolve centralmente a memória. Resumidamente, esse procedimento consiste na apresentação de uma pequena história aos sujeitos, os quais são solicitados a responderem livremente a algumas questões. Parte dessas questões é enganosa, ou seja, não se refere ao que de fato está narrado no texto. Outra porção de questões é verdadeira. Após terem respondido, é dito aos sujeitos que algumas de suas respostas não estão adequadas, foram incorretas (mesmo que isso, na verdade, não tenha ocorrido). Quando o sujeito entrega por fim seu questionário são analisadas as quantidades de respostas enganosas que foram respondidas como questões legítimas e a quantidade de respostas trocados após a sugestão de que estariam erradas. Quanto

maior for a aceitação de itens enganosos e a quantidade de trocas, presume-se que maior seja a sugestionabilidade do sujeito.

Mas de que maneira a sugestão ou a sugestionabilidade afetariam a memória? Há duas formas pelas quais a sugestão pode prejudicar a memória, gerando falsas memórias: uma espontânea por auto-sugestão e outra via implantação externa através de sugestão.

As falsas memórias espontâneas são produzidas espontaneamente e de maneira interna ou endógena ao sujeito, por meio da auto-sugestão (BRAINERD; REYNA, 1995). A auto-sugestão acontece quando o indivíduo lembra apenas da essência do fato vivido, uma vez que a memória literal não está mais acessível por qualquer razão (interferência pela entrada de novas informações, desgaste sofrido pelo tempo etc.). Em uma situação em que tenha que fazer uso dessa memória o indivíduo pode (sem que delibere a respeito) “completar” alguma lacuna específica do fato a ser rememorado. Por exemplo, quando um sujeito tem que decidir se viu um determinado acontecimento na cena de um crime, ele compara a memória de essência do evento vivenciado (a cena do crime que foi observada) com essa informação e poderá lembrar do acontecimento específico – mesmo que ele não tenha ocorrido – devido a similaridade de significado entre os dois eventos (o crime, em geral, e o acontecimento particular). As falsas memórias espontâneas são resultantes do processo normal de compreensão, isto é, fruto de processos de distorções mnemônicas endógenas.

Por seu turno, as memórias sugeridas ocorrem através da implantação de uma sugestão externa ou exógena ao sujeito, podendo ser essa sugestão a transmissão de uma informação deliberada ou acidental. A falsa informação não fez

parte da experiência vivida pelo sujeito, mas, de certo modo, é compatível com ela, como no caso do procedimento da falsa informação.

Para Gudjonson (1984) o efeito da sugestibilidade sobre a memória ocorre por meio de uma aceitação e subsequente incorporação de informação posterior ao evento ocorrido na memória original do mesmo. Em decorrência, o indivíduo passa a recordar de eventos como se tivessem sido realmente vividos, quando, na realidade, tais eventos ou fatos foram-lhe apenas sugeridos.

Há dois pressupostos assumidos no que se refere à relação admitida entre a sugestão e o processo de falsificação da memória. O primeiro é a não consciência do processo e o segundo é que o processo é sempre resultante de informação ou sugestão apresentada posteriormente ao evento em questão. Dessa maneira, a falsa memória é um fenômeno de base mnemônica (uma lembrança) e não de base social, como uma mentira ou simulação (STEIN; NEUFELD, 2001).

O estudo das falsas memórias, apesar de estar numa fase ainda tenra, parece bastante promissor, sobretudo pelo caráter da aplicabilidade que a temática comporta. Contrariamente ao que se poderia pensar, as falsas memórias podem ser tão duradouras quanto às memórias verdadeiras (STEIN; PERGBER, 2001). Neste sentido, seu impacto em questões forenses ou piscoterápicas se fazem evidentes.

Questões relacionadas às situações terapêuticas, nas quais se trabalha a partir das experiências relatadas pelo paciente sobre eventos passados; à fidedignidade de testemunhas de crimes; ou à perícias psicológicas, baseadas no depoimento de pacientes, têm estimulado as pesquisas nessa área e as indagações ainda não respondidas constituem-se como motivantes dos esforços dirigidos a ela.

1.2.5. Sugestionabilidade Sensorial (*Warmth Suggestibility*)

Tal como a sugestionabilidade interrogativa, a sugestionabilidade sensorial é um tipo de sugestionabilidade indireta. Ela está vinculada a sugestões que visam modificar especificamente as impressões sensoriais dos sujeitos (GHEORGHIU; POLCZYK; KAPPELLER, 2003).

Gheorghiu, Polczyk e Kappeller (2003) contribuíram recentemente com esse campo oferecendo uma medida para avaliar a sugestionabilidade sensorial, o WSS (*Warmth Suggestibility Scale*), que mensura, especificamente, a influência da sugestão na percepção do calor. Na WSS, os itens estão agrupados em três categorias de sugestão. Na primeira, a *iniciação*, as sugestões consistiam em apresentar impressões de calor advindas de estímulos que, de fato não o produziam. O sujeito deveria indicar imediatamente quando ele percebesse o estímulo de calor. Na verdade, a apresentação de estímulo era apenas simulada. A percepção desse estímulo inexistente seria um indicador da sugestionabilidade.

Na segunda categoria, a *intensificação*, havia a presença real do estímulo e ele poderia ser percebido pelo sujeito. Ocorre que a tarefa aqui seria a de identificar a intensificação do estímulo de calor. Tal intensificação também era simulada e a percepção desta era um outro indicativo de sugestionabilidade.

Na última categoria, a *generalização*, um estímulo real é apresentado em uma parte do corpo e é dito ao sujeito que a sensação desse estímulo irá aparecer automaticamente na outra parte do corpo. O sujeito, então, indica quando a sensação foi notada na outra parte do corpo. Do mesmo modo que nas anteriores, essa percepção sinalizaria a sugestionabilidade.

Com base nessas categorias, um índice geral de sugestionabilidade poderia ser calculado por meio do número das situações em que o sujeito “percebeu” o estímulo não existente. Gheorghiu, Polczyk e Kappeller (2003) demonstraram que a escala apresentou uma consistência interna satisfatória (Alfa de Cronbach = 0,69). Além disso, demonstraram que a sugestionabilidade correlacionou-se positivamente com a habilidade para relaxar.

Em termos das aplicações da escala, os autores comentam sobre sua utilidade em diversas situações, tais como em pesquisas básicas, no estudo do efeito da sugestão em algumas experiências cotidianas de calor, ou no estudo da sugestionabilidade na mudança de sensações relacionadas com algumas doenças dermatológicas.

1.2.6. Sugestionabilidade como Característica Psicológica Preexistente

A sugestionabilidade, tal como indicada nos tópicos acima, encontra-se circunscrita, de uma forma ou de outra, a um contexto particular ou a uma situação sugestiva específica. Contudo, é também interessante contar com uma forma de contemplar a sugestionabilidade sem que esta esteja vinculada estritamente a um único contexto. Foi nesta direção que esta dissertação se orientou.

Como já foi comentado, foi no âmbito da hipnose que uma maior compreensão da sugestionabilidade foi proporcionada. E isso também é verdade para a mensuração ou avaliação da sugestionabilidade. Por outro lado, Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999) assinalam que há poucos estudos com relação à definição e à avaliação do construto geral da sugestionabilidade fora do âmbito da hipnose. Em função disso, propõem o *Inventário de Sugestionabilidade*, estruturado

fatorialmente pelas dimensões *fantasioso, absorção ou concentração, implicação emocional e influenciabilidade*.

Essa medida contempla fatores intra-sujeito que definiriam operacionalmente a sugestionabilidade em situações do cotidiano. Diferentemente da maioria das medidas de susceptibilidade hipnótica, que requerem uma administração individual ou restrita a grupos de número reduzido, o *Inventário de Sugestionabilidade* (GONZÁLEZ-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999) pode ser aplicado rapidamente tanto individualmente quanto a grandes grupos. Entretanto, uma das suas principais vantagens refere-se ao fato dessa medida reconhecer uma variedade de reações sugestivas que se passam nas experiências cotidianas das pessoas e não apenas no contexto da indução hipnótica.

Essa generalidade assumida pela definição da sugestionabilidade enquanto composta por fatores intra-sujeito também é profícua no sentido de possibilitar a abordagem da sugestionabilidade de forma multidimensional, diferentemente do que ocorre em alguns dos outros tipos de sugestionabilidade. Isso permite identificar mais minuciosamente o porquê de algumas relações da sugestionabilidade com outros construtos, posto que, uma vez que se tenha uma definição multifatorial da sugestionabilidade é possível saber quais são os fatores mais determinantes no momento de compreender relações estabelecidas com outros construtos específicos.

Nesta direção, validar a referida medida, analisando empírica e teoricamente a adequação conceitual que foi proposta para a sugestionabilidade, como composta pelas dimensões *fantasiosidade, absorção, implicação emocional e influenciabilidade*, constitui um dos objetivos principais desta dissertação. Para que essa análise, contudo, possa ser mais completa e criteriosa faz-se necessário

conhecer melhor a evolução histórica que o estudo da sugestionabilidade sofreu ao longo do tempo. O Capítulo II, a seguir, discorre justamente a respeito dessa evolução histórica.

CAPÍTULO II - A

SUGESTIONABILIDADE E SEUS

ANTECEDENTES HISTÓRICOS: O

ESTUDO DA HIPNOSE E DOS

FENÔMENOS DE MASSA

II – A SUGESTIONABILIDADE E SEUS ANTECEDENTES HISTÓRICOS: O ESTUDO DA HIPNOSE E DOS FENÔMENOS DE MASSA

Neste capítulo serão descritos algumas das principais contribuições históricas anteriores às contemporâneas explicações da sugestionabilidade. Basicamente, focalizaram-se duas linhas de contribuição, a saber: os estudos sobre hipnose e aqueles acerca dos fenômenos de massa. Ambas compuseram uma tradição consistente de pesquisa e tiveram grande interesse em contemplar a sugestão e a sugestionabilidade em suas explicações.

A hipnose é, sem dúvida, a matriz mais importante da qual derivaram as modernas contribuições da sugestionabilidade. Os primórdios do uso da hipnose, mesmo não sendo reconhecida sob essa terminologia, nem concebida como fenômeno psicológico, remonta à Antiguidade. Mas só no século XVIII foi que surgiram as primeiras tentativas de explicar racionalmente o fenômeno. Apesar de controvertidas, essas tentativas foram se sucedendo e, paulatinamente, dando lugar a teorias cada vez mais sofisticadas e respaldadas empiricamente. Adiante estão listados alguns dos principais nomes históricos que contribuíram neste sentido.

Posterior ao início do interesse pela hipnose, por volta do século XIX, começam a surgir as primeiras explicações para os fenômenos de massa. Depois da Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra e, posteriormente, propagada para a França e Alemanha, as configurações sociais se reestruturaram.

O processo de hipertrofiação urbana transforma as relações pessoais e sociais; os movimentos sindicais se estruturam e as revoluções populares estouraram em várias partes. É nesse clima que emergem as diversas teorias sobre as multidões. Adiante, elencar-se-ão alguns influentes nomes sobre o assunto, com

suas respectivas idéias centrais, notadamente aquelas tocantes à sugestão e à sugestionabilidade.

2.1. Sugestionabilidade e o Estudo da Hipnose

2.1.1. Hipnose e Sugestionabilidade na Antiguidade

O fenômeno hipnótico é tão antigo quanto a própria humanidade. É possível localizar o uso da sugestionabilidade e da hipnose em ritos, cultos, tratamentos e curas de sociedades tribais primitivas. Atividades como danças ritualísticas ao ritmo de tambores, orações e cantos induziam a um estado semelhante à hipnose (SHROUT, 1995).

As antiqüíssimas práticas de magia podem ter na sugestão e na sugestionabilidade o seu ponto central. A sugestão pode ser o veículo por meio do qual os objetivos rituais atingem o seu fim (GONZÁLES-ORDI, 1999). Um procedimento mágico pode ter êxito porque o sujeito submetido a ele acredita inabalavelmente na sua eficácia de tal procedimento, o que produziria um estado especial psicofisiológico que proporcionaria a cura.

Em culturas antigas, como a hindu, são encontrados registros de práticas milenares de cura para diversas enfermidades. Esses procedimentos combinavam tratamentos com plantas medicinais, drogas psicoativas, unguento e sugestão (GONZÁLES-ORDI, 1999). Em outras grandes culturas como a egípcia e a grega haviam os chamados “tempos do sono”. Neles, pessoas acometidas de enfermidades entravam e eram induzidas a um sono magnético por meio das intervenções dos sacerdotes do templo. Essas pessoas passariam por um período

de sono no qual os deuses lhes revelariam o diagnóstico e tratamento para seus males. Segundo Gonzáles-Ordi (1999), o uso combinado de relaxamento, sugestão e a administração de diversas drogas pelos sacerdotes proporcionavam nos pacientes uma mudança cognitiva que contribuiriam com a melhoria de seus quadros patológicos.

Como se vê, muitos fenômenos que poderiam ser circunscritos atualmente no âmbito da sugestionabilidade ou hipnose eram relegados ao campo do sobrenatural. Essa atribuição ao sobre-humano perdurou até meados do século XVIII, quando surgiu com Franz Mesmer uma primeira tentativa de explicação não sobrenatural para esse grupo especial de fenômenos.

2.1.2. Franz Anton Mesmer (1734-1815) e a Primeira Tentativa de Explicação: O Magnetismo Animal

Médico, Franz Anton Mesmer, viveu e trabalhou em Viena e depois em Paris. Como aponta Dauven (1977), ele estava convencido da existência de fluido universal presente em tudo. Nos seres vivos esse fluido era chamado de “magnetismo animal”. A desigualdade do fluido no organismo humano seria responsável por enfermidades e para que organismo voltasse ao estado de equilíbrio dever-se-ia restaurar o equilíbrio desse fluido no organismo. Com base nestas idéias, Mesmer desenvolveu técnicas que permitiram curar muitas pessoas e que lhe rederam muita fama.

Inicialmente, sua técnica consistia em dar passes a seus pacientes para transferir o fluxo magnético de seu corpo para o deles. Era explicado aos pacientes que esses passes alteravam o fluxo magnético de seus corpos e com isso eles

poderiam se curar. As pessoas, ao ficarem “magnetizadas”, poderiam apresentar certas reações como convulsões, catalepsia, desmaios, gritos ou gemidos. Algumas delas saíam das sessões alegando estarem melhores ou completamente curadas de seus males.

Suas curas fantásticas começaram a se difundir e a procura por seu tratamento aumentou. Apesar de conceber a idéia de que o poder magnético que promovia as curas emana de seu próprio corpo, Mesmer desenvolveu outra técnica que permitia tratar mais de uma pessoa por vez. Essa técnica ficou conhecida como as *sessões de baquet* (DAUVEN, 1977). Consistia em preparar uma grande tina (*baquet*, em francês) cheia com água até uma altura de trinta centímetros, na qual eram colocados no fundo garrafas com água magnetizada dispostas de tal forma que os gargalos convergiam para o centro. A tina era fechada e em sua tampa haviam orifícios por meio dos quais eram introduzidas hastes de metal que ficavam em contato com a tina e a outra extremidade ficava apontada para a parte enferma do corpo do paciente. Ademais, havia uma corda presa à tina que os pacientes deveriam segurar, bem como deveriam ficar dispostos de tal forma que se tocassem mutuamente nas coxas, joelhos e pés. Isso serviria para que o fluido magnético circulasse continuamente promovendo a cura.

Em razão da profusa repercussão que o magnetismo animal causou, o então rei da França, Luis XVI, designou uma Comissão Real para avaliá-lo. A comissão foi composta pelos mais eminentes cientistas da época, dentre os quais Benjamin Franklin, que na época atuava como embaixador dos EUA na França. Após realizarem diversas observações, a Comissão Real emitiu um parecer no qual negava a existência do magnetismo animal e apontavam o contato com o terapeuta, a imaginação e a imitação como as causas para as curas realizadas por meio das

técnicas de Mesmer. Com a divulgação desse parecer, as idéias do magnetismo animal perderam força e Mesmer passou a ser desacreditado.

Apesar de atualmente suas idéias parecerem esdrúxulas, Mesmer foi um cientista sério e honesto (SHROUT, 1995) e suas idéias compuseram a primeira abordagem empírica dos fenômenos que mais adiante seriam chamados de hipnóticos. Em sua época, outras teorias, alternativas ao magnetismo animal, surgiram; é caso das idéias do abade Faria, apresentadas no tópico seguinte.

2.1.3. José Custódio de Faria (1756-1819)

Contemporâneo de Mesmer, José Custódio de Faria, o abade Faria, era um culto frade português. Diz-se que era uma figura misteriosa, um homem alto, com ar ascético e que havia viajado muito, inclusive teria estudado no Oriente (SHROUT, 1995).

Sua importância no estudo da história da hipnose reside no fato de ter discordado de Mesmer quanto à causa do fenômeno ser atribuída ao magnetismo animal. Para o abade Faria, o magnetizador era, na realidade, um “concentrador”, isto é, um facilitador para a concentração do paciente. Seu método consistia em, após eleger aqueles que já se mostravam previamente propensos à concentração e os acomodar em um local confortável, fixar seus olhos ou fazer com que detivessem sua atenção na palma de sua mão por alguns instantes e, em seguida, ele sugeria que a pessoa dormisse. Em muitos casos, isso fazia com que as pessoas ficassem em condições semelhantes àsquelas dos indivíduos que haviam sido magnetizados.

Percebe-se que, com o abade Faria, a responsabilidade do fenômeno migra do magnetizador para o magnetizado. Em sua explicação, a importância está

centrada nas capacidades do sujeito, do indivíduo magnetizado e não no magnetizador. Esse seu entendimento fez com que ele fosse considerado um dos primeiros precursores das atuais concepções acerca da hipnose (GONZÁLES-ORDI, 1999).

2.1.4. James Braid (1795-1860) e o Hipnotismo

Médico escocês, James Braid trabalhava como oculista. Na história da hipnose ele assume lugar de destaque, chegando, inclusive, a ser considerado o *pai do hipnotismo*. Essa designação se deve, sobretudo, a ele ter sido o responsável por cunhar e generalizar o uso do termo *hipnotismo* (do grego, *hipno* = sono), pois concebia o transe mesmérico como um estado de sono artificial.

Seu interesse pelos fenômenos mesméricos começou após ver uma demonstração de um famoso magnetizador francês, Lafontaine. Impressionado, resolveu estudar o assunto. Desenvolveu sua própria técnica, a técnica de fixação do olhar, que consistia, basicamente, em fazer com que o pacientes fixasse sua vista em um ponto fixo e concentrasse nele, enquanto isso deveria estar com o corpo em repouso. Ele acreditava que a concentração da mirada, a fixação da atenção e o relaxamento corporal favoreceriam modificações psicofisiológicas que seriam responsáveis pelas alterações observadas no paciente.

Como o abade Faria, Braid também exclui categoricamente a idéia do magnetismo animal. Com ele o debate sobre as concepções fluidistas praticamente se encerram. A partir dele, outro debate é colocado, a saber, as divergências entre a perspectiva fisicopatológica e a perspectiva psicológica, com suas nascentes,

respectivamente, na Psiquiatria (tendo como representantes a Escola da Salpêtrière) e na Psicologia (representada pela Escola de Nancy).

2.1.5. Jean Martin Charcot (1825-1893) e a Escola da Salpêtrière

Um dos mais respeitados neurologistas de sua época, Jean Martin Charcot liderou uma quantidade considerável de eminentes médicos, formando em Paris a famosa Escola da Salpêtrière. No hospital da Salpêtrière, Charcot encarregou-se por um tempo de uma ala reservada a pacientes acometidas de histeria e epilepsia. Esse dado é relevante, pois ele via na hipnose um instrumento para o estudo da histeria.

Charcot e seu grupo advogavam que o hipnotismo era um fenômeno patológico. Haveria, segundo eles, três níveis de profundidade da hipnose, a saber: catalepsia, letargia e sonambulismo. Acreditavam que apenas pessoas com histeria poderiam ser hipnotizadas, entretanto, como seus experimentos se restringiam a esse tipo de paciente não havia a possibilidade de testar essa tese.

Pouca importância era atribuída às sugestões verbais. Elas eram consideradas supérfluas. Os tranSES, segundo Charcot, poderiam ser induzidos por choques que estimulariam certas áreas específicas do sistema nervoso do paciente (SHROUT, 1995). Apesar disso, os procedimentos e as demonstrações feitas por Charcot envolviam a sua descrição, em voz alta, do que estava ocorrendo ou do que estaria por ocorrer, o que consistiria, mesmo que não fosse sua intenção, em sugestões oferecidas aos pacientes.

A respeitabilidade acadêmica de Charcot favoreceu sua franca aceitação no meio científico e, após a publicação de seus trabalhos, uma grande quantidade de

publicações se seguiu. Por essa razão, como comenta Gonzáles-Ordi (1999), esse período foi chamado de *la belle époque* da hipnose.

2.1.6. Hippolyte Bernheim (1840-1919) e a Escola de Nancy

Médico francês, Hippolyte Bernheim começou a interessar-se pela hipnose e sugestão quando um de seus pacientes foi tratado com êxito por August Liébeaut, um médico do interior da região de Nancy (França) que se dedicava a aplicar o hipnotismo para tratar pessoas pobres (DAUVEN, 1977).

A partir desse interesse, Bernheim começou a desenvolver estudos juntamente com outros colegas da Universidade de Nancy. A formação desse grupo tinha Bernheim como diretor e ficaram conhecidos como a Escola de Nancy. Eles formaram a principal corrente opositora às idéias da Escola da Salpêtrière.

Apesar de assumirem uma postura mais psicológica que a Escola da Salpêtrière, Bernheim e a Escola de Nancy não descartaram as alterações que a hipnose produz no nível fisiológico. Para o grupo de Nancy, a hipnose seria um estado fisiológico produzido por sugestões apropriadas. Não obstante, diferiam em vários outros aspectos.

Primeiramente, não concebiam o hipnotismo como um sintoma patológico, mas como um estado induzido por via da sugestão. Defendia-se que a sugestionabilidade estava presente tanto em sujeitos não hipnotizados como em sujeitos hipnotizados. Advogavam também que na hipnose a sugestionabilidade se exacerbava, isto é, ela seria um estado de hipersugestionabilidade. A hipnose possuiria também graus de profundidade que poderiam ser medidos por meio da sugestionabilidade do sujeito hipnotizado.

Analisando desde uma perspectiva histórica é possível depreender o êxito da Escola de Nancy em comparação com a Escola da Salpêtrière, tendo em vista que as atuais teorias acerca da hipnose confirmaram muitos postulados da primeira e refutaram os da segunda, relegando-as apenas ao âmbito histórico desta temática.

2.1.7. Emile Coué (1857-1926)

Emile Coué foi um farmacêutico francês a quem chamou a atenção o efeito que alguns medicamentos tinham em dados pacientes. Dependendo do que era sugerido ao se oferecer o medicamento e da susceptibilidade do paciente à sugestão dada, poder-se-ia produzir resultados maiores que o que seu princípio ativo seria capaz de provocar (SHROUT, 1995). Com essa observação ele visualizou o que mais adiante seria chamado de *efeito placebo*.

Coué concebia que não seria a sugestão do hipnotizador que realizava o que quer que fosse, mas a aceitação da sugestão pelo paciente. Portanto, argumentava que as sugestões para serem efetivas deveriam ser auto-sugestões. Segundo ele, não haveria grandes diferenças entre a hipnose e a auto-hipnose.

No nordeste da França, Coué mantinha uma clínica gratuita para a qual acorriam diversos enfermos e onde foram realizadas várias curas. Ele tinha uma terapêutica declaradamente baseada na sugestão. Seu tratamento consistia basicamente em asseverar confiantemente para seus pacientes que ficariam melhores, bem como estimulava que dissessem isso a si mesmos. A esse respeito, ficou famosa a sua máxima “*cada dia, sob todos os pontos de vista, estarei melhor*”, que sugeria às pessoas que a repetisse como uma espécie de mantra.

Shrout (1995) pontua que, para Coué, haveria três leis da sugestão. A primeira seria a *Lei da Atenção Concentrada*, segundo a qual a concentração da atenção numa idéia teria a propriedade de concretizá-la por si mesma. A segunda, a *Lei do Esforço Contrário*, dizia que quando se pensa que não se pode fazer algo enquanto se tenta, quanto mais se pensa menos se consegue. E, por fim, a terceira lei, a *Lei do Sentimento Dominante*, determinava que uma sugestão vinculada a uma emoção supera outra sugestão existente na mente durante o mesmo momento.

Coué não desenvolveu suas idéias comprometido com um necessário rigor acadêmico, o que lhe rendeu diversas críticas, sobretudo quanto à cientificidade de seu ponto de vista. Até mesmo as suas idéias foram sistematizadas e escritas por outros (SHROUT, 1995). Não obstante, seu trabalho assume particular relevo por ter atribuído especial importância à sugestão e à sugestibilidade.

2.1.8. A Hipnose Hoje

Apesar dos primeiros esforços no sentido de compreendê-la terem se iniciado na Europa, foi nos Estados Unidos que o estudo científico da hipnose ganhou força. No início do século XX, Boris Sidis, Morton Prince e William McDougall constituíam um grupo de professores da Universidade de Harvard interessados pelo assunto.

Próximo a essa época, Clark Hull também realizou na Universidade de Yale os primeiros estudos de laboratório sobre a sugestibilidade e a hipnose. Em sua clássica obra *Hypnosis and Suggestibility* (HULL, 1933) são expostos os resultados dos seus experimentos e suas observações. Por ter sido a primeira iniciativa sistemática de aplicação da metodologia experimental e da estatística ao estudo da sugestibilidade e da hipnose, Clark Hull marca o início do estudo contemporâneo

da hipnose e da sugestionabilidade científica ou experimental (GONZÁLES-ORDI, 1999).

Logo em seguida, muitas iniciativas se seguiram tanto no plano acadêmico quanto no profissional. Em meados do século XX, começam a surgir as primeiras sociedades profissionais, como a *International Society for Clinical and Experimental Hypnosis* e a *American Society of Clinical Hypnosis*. Organizaram-se também os primeiros veículos de publicação, a saber: o *Journal of Clinical and Experimental Hypnosis* e o *American Journal of Clinical Hypnosis*.

Atualmente, a hipnose e a sugestionabilidade são fenômenos bastante estudados e que ainda suscitam controvérsias. Como foi visto no capítulo anterior, existem diversas teorias que busca dar conta de explicá-los. Apesar dos impasses na esfera teórica, em termos terapêuticos, o uso da hipnose vem se mostrando promissor. Hoje a hipnose é amplamente utilizada como coadjuvante dentro de diversas especialidades em várias áreas, como na Medicina, Odontologia e Psicologia (ERICKSON; HERSHMAN; SECTER, 1998).

Especificamente no que tange à sugestionabilidade, como já foi comentado, ela não está restrita apenas ao âmbito da hipnose. Um outro elemento ao qual ela foi bastante vinculada foram os fenômenos de massa. No tópico seguinte, será feita, justamente, uma descrição das mais importantes contribuições históricas a respeito da relação entre a sugestionabilidade e os fenômenos das multidões.

2.2. Sugestionabilidade e o Estudo dos Fenômenos de Massa

O estudo dos fenômenos de massa foi uma das principais preocupações desde os primórdios da psicologia social europeia (ÁLVARO-ESTRAMIANA, 1995).

Na Europa o interesse pelo estudo das massas contextualizava-se nas conseqüências das transformações políticas e tecnológicas decorrentes da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Com o desdobramento surgiram as aglomerações urbanas, as fábricas, os movimentos operários e um novo tipo de comportamento, a saber: o coletivo, marcado pela reunião de uma grande quantidade de pessoas em um só lugar. Boa parte das explicações apresentadas pelos diversos autores que se dedicaram ao estudo desses fenômenos de massas, tais como Gustav Le Bon, Gabriel Tarde, Scipio Sighele e Sigmund Freud, envolviam a sugestão e/ou a sugestionabilidade.

2.2.1. Gustave Le Bon (1841-1931)

Gustave Le Bon, médico francês, percebia a falta de continuidade entre os comportamentos de um cidadão de bem, honesto, honrado e pacífico que, quando participava de uma manifestação coletiva, tornava-se uma pessoa violenta, amoral e destrutiva. Isso ocorria, segundo ele, porque quando se participa de uma multidão a mente individual dá lugar a uma mente grupal ou coletiva que possui qualidades próprias, distinta da dos indivíduos (TURNER, 1994).

Como lembra Turner (1994), para Le Bon a estrutura psicológica dos integrantes de uma multidão estaria composta por três mecanismos essenciais: a desindividuação, o contágio e a sugestão. Na primeira, a desindividuação, o indivíduo “mergulha” na massa e perde a sua noção de individualidade e responsabilidade pessoal. Em seguida, com o contágio, que seria um mecanismo de sugestionabilidade coletiva, o integrante da multidão recebe a influência dos demais e, por meio de imitação, a personalidade individual é dissolvida. Isso, por sua vez, só

poderia ocorrer por causa da sugestão que seria a disposição individual para a influência dos demais (TURNER, 1994).

Como se percebe, Le Bon tinha uma visão pessimista da massa. A multidão, uma grande alma comum, seria orientada pelo instinto, desprovida de razão e intelecto, portanto estar na multidão seria voltar a um estado primitivo e/ou a formas infantis de existência humana.

2.2.2. Gabriel Tarde (1843-1904)

Gabriel Tarde, eminente criminalista e sociólogo francês, defendia que a massa não possui uma consciência própria, isolada e independente dos indivíduos, pelo contrário há uma interação mental por meio da qual as mentes se influenciam umas às outras por meio da imitação e do contágio. Para ele, a sugestão, o estado hipnótico e a credulidade são característicos desse comportamento grupal (ÁLVARO-ESTRAMIANA, 1995).

Tal como Le Bon, Tarde também assume uma visão pessimista da multidão. Para ele (e também para Le Bon) as multidões estão suscetíveis a extremos que variam do heroísmo à criminalidade. Essa variabilidade do aspecto moral não coincide com a constância do aspecto intelectual e emocional, sendo o primeiro mínimo ou inexistente e o segundo frequentemente intenso.

A época em que Tarde viveu e trabalhou presenciou a popularização da escrita o que, possivelmente, levou-o a pensar sobre uma nova forma de união social, a saber, o público. Agora se tinha uma massa desagregada e sem forma visível, unida apenas pela opinião. Quando comparado com a massa, o público apresenta um predomínio do racional sobre o irracional e do ideal frente ao

passional, além disso, a opinião modifica o devir social e político (ÁLVARO-ESTRAMIANA, 1995).

2.2.3. Scipio Sighele (1868-1913)

Scipio Sighele, criminalista italiano, em sua obra é considerado como o autor da primeira obra da psicologia coletiva, *La folla delinquente* (A Multidão Criminosa), de 1891. Nessa obra, ele se opõe a idéia de que o caráter e as qualidades de um agregado são determinados pelas características e peculiaridades das partes (indivíduos) que o compõe (BLANCO, 1988).

Em *A Multidão Criminosa*, Scipio Sighele propõe que entre a psicologia (que se dedica ao estudo do indivíduo) e a sociologia (que se centra no estudo da sociedade) haveria lugar para um outro ramo do saber ao qual ele denominou de *psicologia coletiva*. Esta teria como objeto exclusivo as reuniões de indivíduos como, por exemplo, os conglomerados formados de modo imprevisto em praças e vias públicas, os espectadores de um teatro, as grandes apresentações públicas e os comícios. Nestas ocasiões, segundo o referido autor, não se poderia aplicar de forma simples ou exclusiva nem as leis da psicologia nem as da sociologia, o que tornava necessário, portanto, a instauração de um novo campo de estudo.

Sighele (1954), tal como seus contemporâneos já citados acima, também estava estupefato com os inesperados comportamentos apresentados por indivíduos que isoladamente seriam incapazes de cometer os brutais atos manifestos enquanto integravam uma multidão. Ele se empenhou em explicar porquê uma reunião de indivíduos poderia ter como resultante respostas opostas a que seriam observadas pelos indivíduos isoladamente.

Para que uma reunião de indivíduos, segundo esse autor, fosse considerada como uma multidão ela deveria atender a pelo menos dois requisitos: ser *heterogênea* e *inorgânica*. Uma multidão é heterogênea por excelência posto que é um agregado de pessoas de diversas idades, das mais variadas camadas sociais, com graus de instrução também distintos, com diferentes níveis de moralidade, enfim, com uma ampla variação na sua composição. E é inorgânico uma vez que se forma sem que tenha havido nenhum acordo prévio entre os seus componentes. Surge, na maioria das vezes, de improviso, diferente de outros agregados como a família ou uma sala de aula, por exemplo.

Ao tratar da “psico-fisiologia da multidão”, Sighele (1954) comenta que todos os homens estão individualmente dispostos para a *imitação*, entretanto, essa faculdade atinge seu auge quando os indivíduos estão reunidos. Um exemplo disso são os espetáculos públicos nos quais o mínimo bater de palmas ou assovio é suficiente para fazer com que a manifestação se prolifere prontamente.

Ao buscar responder por que o homem imita, ele recorre à idéia de *contágio emocional* que teria na *sugestão* seu meio propagador. É a sugestão um “impulso externo” que fará com que as pessoas comportem-se de uma determinada maneira. A sugestão é apontada como algo exterior ao organismo do indivíduo, pode ser uma palavra, um objeto, um gesto, enfim, qualquer estímulo que se propagará entre os sujeitos de forma análoga a uma epidemia. A forma como essa propagação se dará dependerá em parte de características dos indivíduos, posto que uns serão “inteiramente isentos”, outros apenas “atacados benignamente” e ainda outros que serão “atacados violentamente”. Essa distinção apresentada leva a uma noção da idéia de diferentes níveis de sugestionabilidade que em seu trabalho não é expressa explicitamente.

Em sua obra também estão presentes conceitos parecidos com a sugestionabilidade, trata-se da *receptividade* e da *reflexão*. A primeira diz respeito à “aptidão de receber impressões do exterior” e a segunda refere-se à “aptidão de manifestar a atividade excitada conforme as impressões recebidas” (SIGHELE, 1954; p. 42). Ele ainda chama prudentemente a atenção para o fato de que os fenômenos da sugestão não estão restritos ao hipnotismo, considerando a sugestão como um fenômeno fortemente implicado e fundamental ao psiquismo humano.

2.2.4. Sigmund Freud (1856-1939)

Sigmund Freud em seus trabalhos iniciais se dedicava aos estudos de caso de indivíduos. Contudo, após a Primeira Guerra Mundial seus trabalhos tornaram-se mais sociais, devido à influência dos fenômenos de massa (FARR, 1998).

Em sua obra, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, percebe-se a influência das idéias de Le Bon e Charcot, tendo com este último trabalhado na França. Freud (1980) também percebia que na multidão o indivíduo poderia se tornar bastante passível da influência dos demais integrantes do grupo. Para ele, na multidão as propriedades intelectuais são reduzidas, ao passo que há uma exacerbação das emoções. Sua explicação para esse fenômeno é atribuída ao fato de que em situação de grupo os indivíduos se sentiriam menos inibidos e, como consequência, conteúdos inconscientes se liberariam.

Com relação à dinâmica das multidões, Freud aceita a idéia de Le Bon de que os indivíduos na multidão estariam em uma situação “hipnótica”, mas discorda de que esse transe se daria por meio dos processos de contágio e sugestão. Ele não vê nesses processos a base para a explicação do fenômeno de massa. Esta estaria no

redirecionamento da energia libidinal, que se daria por meio de uma relação libidinal vertical entre todos os membros do grupo com o líder do grupo e uma relação libidinal horizontal composta pelas relações libidinosas de cada um dos membros entre si.

2.3. Considerações Gerais

Tomando em conta o que foi exposto nos tópicos apresentados, pode-se considerar que tanto as contribuições oferecidas por meio dos estudos da hipnose como as investigações acerca dos fenômenos das multidões colaboraram no desenvolvimento de uma base científica para a abordagem da sugestionabilidade. Tais contribuições, sem dúvida, constituiriam um primeiro passo que permitiu a atual configuração das explicações sobre a sugestionabilidade. A este respeito, no próximo capítulo serão descritos estudos recentes que buscam analisar a sugestionabilidade e suas relações com outras variáveis psicológicas.

CAPÍTULO III - A

SUGESTIONABILIDADE E ALGUNS

DE SEUS CORRELATOS

III – A SUGESTIONABILIDADE E ALGUNS DE SEUS CORRELATOS

A sugestionabilidade é um elemento essencialmente constituinte da condição humana (SIDIS, 1898) e como tal encontra-se amplamente relacionada com outras variáveis psicológicas. A literatura psicológica, como já pôde ser visto logo na introdução deste trabalho, tem apresentado contribuições no sentido esclarecer o relacionamento da sugestão e da sugestionabilidade com uma série de outras variáveis.

Para o estudo conduzido nesta dissertação foram selecionadas algumas variáveis dentre as muitas outras com as quais a sugestionabilidade vem sendo relacionada. Optou-se aqui por explorar a relação da sugestionabilidade com a desejabilidade social, as estratégias de enfrentamento de problemas (*Coping*), alguns indicadores de saúde/doença mental e com o sexo. Estas contam ainda com escassos e controvertidos estudos que buscam explorar o modo como elas estão vinculadas à sugestionabilidade e, justamente por essa razão, foram selecionadas para figurarem neste trabalho.

No capítulo V serão demonstrados os resultados do estudo aqui conduzido. Nele serão apresentadas as suposições ou motivações que subjazem o interesse em relacionar a sugestionabilidade com cada um dos construtos aqui selecionados, bem como também serão descritos os poucos estudos encontrados que exploraram tais relações.

3.1. Desejabilidade Social e Sugestionabilidade

A desejabilidade social vem sendo definida como uma tendência a responder de forma socialmente aceitável (SHULTZ; CHÁVEZ, 1994) ou ainda um traço de

personalidade, correspondendo a uma necessidade de procurar a aprovação e evitar a desaprovação dos demais (ROS; GOUVEIA, 2000). Pessoas com alta magnitude de desejabilidade social, com frequência, esforçam-se para apresentar uma imagem pública desejável. Para isso, manipulam a sua imagem para que ela corresponda às expectativas sociais.

Ao estudar a relação entre a sugestionabilidade e a desejabilidade social em uma amostra de estudantes de psicologia da Espanha, Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999) esperavam encontrar uma relação positiva entre os dois construtos. Essa expectativa era justificada tendo em vista que pesquisas anteriores sobre sugestões hipnóticas (GONZÁLES-ORDI, 1994, apud GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999) mostraram que estas poderiam estar sofrendo influência da desejabilidade social no sentido de que os sujeitos mais sugestionáveis aceitavam de maneira mais implícita as instruções do experimentador e que, em comparação com os menos sugestionáveis, indivíduos mais sugestionáveis tendiam a ter pontuações mais altas em questões sobre a ansiedade frente situações relacionadas a como o sujeito pensa que é avaliado pelos outros, sobretudo se o outro for do sexo oposto. Em resumo, um maior nível de sugestionabilidade poderia estar associado a uma tendência em ser avaliado positivamente pelos demais.

Contudo, empiricamente, essa expectativa não foi confirmada. Utilizando uma versão espanhola da *Escala de Desejabilidade Social* de Crowne e Marlowe (1960), que consta de 33 itens que expressam a tendência em apresentar-se com uma imagem socialmente desejável, e o *Inventário de Sugestionabilidade*, observaram que entre a desejabilidade social e a sugestionabilidade a correlação foi baixa e na direção oposta ao que se esperava ($r = -0,11$; $p < 0,01$). Particularmente, dois dos fatores da sugestionabilidade tiveram correlações na mesma direção. Um deles foi a

influenciabilidade ($r = -0,14$; $p < 0,05$) e o outro foi a *fantasiosidade* ($r = -0,11$; $p < 0,01$).

Os autores não discutem satisfatoriamente os resultados encontrados. Atribuem apenas uma justificativa estatística, o elevado número de sujeitos da amostra ($n = 333$), para explicar a relação encontrada. Nesta direção, apontam ainda que, aparentemente, não existiria qualquer justificativa psicológica para as correlações encontradas. Essa conclusão, contudo, baseada em apenas um único conjunto de dados poderia ser precipitada e tal fato suscita a necessidade de que mais estudos sejam conduzidos a fim de melhor esclarecer essa relação.

3.2. Enfrentamento de Problemas (*Coping*) e Sugestionabilidade

Quando se deparam com situações de estresse que impõem demandas específicas, sejam internas ou externas, os indivíduos fazem uso de um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais para lidarem com essas demandas e contornarem os estímulos estressores (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998). Esse conjunto de esforços tem sido denominado de *coping* ou *enfrentamento de problemas* e pode ser considerado um mediador entre um estressor e o resultado oriundo dele (FOLKMAN; LAZARUS, 1980).

De acordo com o modelo teórico apresentado por Folkman e Lazarus (1980), o *coping* seria um processo ou uma interação ocorrida entre o indivíduo e o ambiente. A sua função não é a de controlar ou dominar a situação estressora, mas de administrá-la por meio de uma avaliação que envolve a percepção do fenômeno, sua interpretação e representação mental. Esse processo ainda envolve uma alocação de esforços pelos quais o indivíduo irá empreender-se cognitiva e

comportamentalmente para administrar as demandas internas ou externas advindas de sua interação com o ambiente.

Com relação à sua função, as estratégias de enfrentamento vêm sendo divididas, de modo geral, em duas categorias principais (SEIDL; TROCCOLI; ZANNON, 2001): a) as *estratégias focalizadas no problema* que visam administrar ou alterar a situação estressante; e b) as *estratégias focalizadas na emoção* que dão conta de controlar as reações emocionais deflagradas com a situação estressora. Embora possam ser utilizadas ao mesmo tempo, as estratégias focalizadas no problema tendem a ser mais utilizadas quando o estímulo estressor é controlável. Quando esse estímulo não pode ser administrado, os esforços centrados na emoção são mais adequados.

Mas que relação poderia haver entre o *coping* e a sugestionabilidade? Na tentativa de responder a essa pergunta, Howard e Hong (2002) conduziram um estudo com 50 estudantes universitários orientais. O estudo tinha como objetivo analisar como diferentes estilos de enfrentamentos de problemas poderiam estar associados à sugestionabilidade interrogativa (em situações de interrogatório). Para estes autores, uma estratégia que ajudará o entrevistado de um interrogatório a resistir a sugestões enganosas, envolve a habilidade para ver uma situação de modo objetivo e crítico, bem como a capacidade de evitar oferecer alguma resposta, a menos que esteja certo dos fatos sobre os quais falará. Por outro lado, o desenvolvimento de uma estratégia que envolva uma avaliação não realista da situação e uma relutância em admitir a falibilidade de sua memória, quando não se tem certeza, faz o entrevistado mais susceptível à sugestão.

Para testar essa idéia, Howard e Hong (2002) selecionaram dois grupos: um no qual as pessoas adotavam preferencialmente estratégias focalizadas no

problema ($n = 25$), e outro no qual as estratégias preferenciais eram centradas na emoção ($n = 25$). Em seguida foi administrada a *Escala de Sugestionabilidade de Gudjonsson* (ver Capítulo I) em ambos os grupos.

Os resultados demonstraram que o grupo de estudantes que tinha uma estratégia de *enfrentamento focalizada no problema* como a principal, apresentou uma sugestionabilidade média ($M = 5,76$; $DP = 3,5$) inferior ao grupo que tinha a *focalização na emoção* como estratégia principal ($M = 7,76$; $DP = 3,0$). Esta diferença foi estatisticamente significativa ($t = -2,15$; $gl = 48$; $p < 0,05$).

Para os autores, esses resultados evidenciariam que a estratégia de *coping*, adotada durante um processo de interrogatório, determina se o indivíduo apresentará ou não sugestionabilidade. Uma estratégia de enfrentamento “resistente à sugestionabilidade” envolve uma análise crítica da situação e uma ação que facilite a resolução de problemas (estratégias focalizadas no problema). Já uma estratégia “pró-sugestionabilidade” envolve avaliações insuficientes ou imprecisas sobre a situação e uma carência ou dificuldade em empreender ações que resolvam o problema (estratégias focalizadas na emoção).

Deve-se levar em conta, contudo, que a conclusão de que a adoção de estratégias de enfrentamento condiciona à manifestação ou não da sugestionabilidade exigiria maior cautela. Uma confirmação mais segura dessa proposição exigiria outros estudos.

No estudo de Howard e Hong (2002) foi utilizado um delineamento do tipo correlacional. É razoável admitir que seria possível que os participantes dos dois grupos analisados, em função de seus estilos de *coping* (focalizado no problema e focalizado na emoção), possuísem previamente características cognitivas ou de personalidade que também explicassem o seu desempenho no teste de

sugestionabilidade interrogativa. Desse modo, não seria possível concluir ou atribuir que a causa da sugestionabilidade seria oriunda da estratégia adotada. Os participantes poderiam ser, por exemplo, respectivamente, mais ou menos sugestionáveis (assumindo o conceito de sugestionabilidade em termos de características cognitivas ou de personalidade) nos grupo com *coping* focalizado na emoção e no problema. Deve-se notar que, neste caso, a relação de causalidade presumida se inverte. Não seriam mais as estratégias de *coping* que determinariam preponderantemente a sugestionabilidade, mas sim, a sugestionabilidade que ofereceria uma base para a adoção preferencial de uma determinada estratégia.

O presente estudo levanta, justamente, a possibilidade de a sugestionabilidade, tal como definida em termos de fatores como *fantasiosidade*, *influenciabilidade*, *absorção* e *implicação emocional*, oferecer uma base cognitiva para a execução das estratégias de enfrentamento. Há, atualmente, um grande interesse em compreender as convergências entre características de personalidade e *coping*, uma vez que as evidências reunidas apontam que apenas os fatores situacionais não conseguem explicar toda a variância das estratégias de enfrentamento (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998). É reconhecido, mesmo entre os teóricos que concebem o enfrentamento como respostas a eventos específicos, que determinadas estratégias de enfrentamento podem sofrer influência de características de personalidade (SEIDL; TROCCOLI; ZANNON, 2001). Isto animaria a exploração da sugestionabilidade, sobretudo, enquanto definida por fatores disposicionais.

3.3. Saúde/Doença Mental e Sugestionabilidade

Desde os primórdios da psiquiatria moderna a sugestionabilidade vem sendo associada à problemas mentais. O exemplo clássico é o caso da histeria, que tinha na sugestionabilidade uma de suas características fundamentais. Atualmente, o conceito de histeria tem sido substituído por classificações mais precisas (MATOS; MATOS; MATOS, 2005). Apesar da modernização, a presença da sugestionabilidade ainda permanece como indicador ou critério diagnóstico de transtornos, que antes eram classificados como histeria. Isso pode ser observado quando os principais manuais para a classificação de transtornos mentais, a CID-10 (*International Classification of Diseases*) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1997) e o DSM-IV (*Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders*) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 1995), apontam, igualmente, a sugestionabilidade como sintoma do transtorno de personalidade histriônica (anteriormente incluído dentro da idéia de histeria).

Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999) mencionam o papel da sugestionabilidade e da sugestão como variável interveniente de diversos transtornos psicopatológicos, tais como os de ansiedade, os dissociativos, os somatoformes e os alimentares. Além dessas referências, outros estudos também têm procurado evidenciar a relação da sugestionabilidade com indicadores de saúde/doença mental.

González-Ordi (1999), por exemplo, ao tentar relacionar sugestionabilidade e hipocondria observou uma correlação positiva e significativa ($r = 0,30$; $p < 0,01$). Isso indica que pessoas muito sugestionáveis tendem a dar mais valor e preocupar-se mais com suas próprias modificações somáticas.

Com relação à ansiedade, Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999), em estudos anteriores (GONZÁLES-ORDI, 1994, apud GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999), observaram que indivíduos mais facilmente hipnotizáveis mostravam ser, em comparação com os menos hipnotizáveis, mais ansiosos por meio de diferentes medidas (ansiedade fisiológica auto-informada, ansiedade de avaliação e ansiedade em situações cotidianas). Estudando essa relação fora do contexto hipnótico esses autores encontraram uma correlação direta e significativa ($r = 0,36$; $p < 0,01$). Desse modo, com base nestes resultados, os autores discutem que as pessoas com maior nível de sugestionabilidade são mais propensas a apresentar mais reações de ansiedade e a perceber as situações do dia-a-dia como mais ameaçadoras.

Existem também alguns exemplos da repercussão da sugestionabilidade sobre aspectos mais direcionados à esfera somática. Um deles é sua influência sobre a dor. A sugestionabilidade é apontada como uma das variáveis cognitivas relevantes que podem mediar a experiência da dor crônica (MORENO; GARCÍA; PAREJA, 1999). Essa assertiva é relativamente fácil de ser evidenciada ao se ter em conta que fenômenos intimamente implicados com a sugestionabilidade, como a hipnose e o efeito placebo, têm a capacidade de produzirem analgesia.

Um outro exemplo nesta mesma linha são algumas desordens que poderiam, inicialmente, serem atribuídas a causas orgânicas, mas que, na realidade, podem ser atribuídas aos efeitos da sugestionabilidade. Este é o caso de um problema freqüente em crianças e caracterizado por anormalidades visuais, chamado de baixa função visual (ABE; SUZUKI, 2000). Este é um distúrbio visual no qual não é encontrada nenhuma anormalidade orgânica, seja oftalmológica ou neurológica. Abe e Suzuki (2000) demonstraram que a sugestionabilidade é um dos seus principais fatores etiológicos e que uma terapia com base na sugestão é efetiva no seu

tratamento. Neste mesmo estudo, os autores ainda apontam que a maior prevalência dessa doença é entre as meninas. A propósito, a relação entre a sugestionabilidade e gênero será discutida no tópico seguinte.

3.4. Sexo e Sugestionabilidade

Desde cedo, meninos e meninas são estimulados a comportarem-se de modo característico. A cultura tem papéis definidos para o que é considerado masculino e feminino. Com base nisso, os pais e demais adultos tendem a incentivar comportamentos condizentes com esses papéis. Essa diferenciação resulta em estilos cognitivos e traços de personalidade peculiares (SCHULTZ; SCHULTZ, 2002). Seria razoável apontar a sugestionabilidade entre essas diferenças de gênero.

No que tange a susceptibilidade à hipnose, os resultados de pesquisas que comparam homens e mulheres são contraditórios. Existem tanto evidências a favor de uma maior propensão nas mulheres, bem como evidências que contrariam tal diferença (ver GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999). Parece ser que nos estudos sobre a sugestionabilidade não hipnótica também ocorre o mesmo, ou seja, evidências apontando em direções distintas.

Em pesquisa conduzida fora do domínio da hipnose, Gudjonsson (1996, apud GONZÁLES-ORDI, 1999), interessado em estudar a sugestionabilidade no âmbito de interrogatórios policiais, constatou que as mulheres tendem a aceitar mais as sugestões de mudança de testemunho quando comparadas aos homens. Essa, portanto, seria uma evidência na direção da maior sugestionabilidade das mulheres.

Contrariamente, também em outro contexto que não o da hipnose, Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999) observaram diferenças médias significativas ($p < 0,001$) no *Inventário de Sugestionabilidade* entre homens ($M = 43,5$; $DP = 9,3$) e mulheres ($M = 50,4$; $DP = 8,9$). Particularmente entre os fatores da escala em questão, as diferenças encontradas foram em *fantasiosidade*, *implicação emocional* e *influenciabilidade*, havendo o grupo das mulheres apresentado média estatisticamente superior ($p < 0,05$) ao grupo dos homens em todos eles. Cabe assinalar que, dentre esses fatores, as diferenças mais acentuadas foram constatadas em *implicação emocional*.

Por outro lado, contrariamente a essas evidências, Gheorghiu, Polczyk e Kappeller (2003) estudando a sugestionabilidade sensorial (*warmth suggestibility*), isto é, aquela nas quais as sugestões visam modificar as impressões sensoriais, comentam, em suas análises preliminares, que não observaram nenhuma diferença significativa de gênero.

Como se pôde ver, alguns achados de pesquisa que diferem entre si e, novos estudos, como recomendam Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999), fazem-se necessários. A partir do próximo capítulo estão descritos os procedimentos que foram adotados para a realização da pesquisa aqui conduzida e, na seqüência, serão apresentados os resultados obtidos e a discussão dos mesmos.

CAPÍTULO IV - MÉTODO

IV – MÉTODO

4.1. Amostra

Contou-se na presente pesquisa com uma amostra de 224 estudantes universitários de diversos cursos da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa). A amostra foi não-probabilística do tipo acidental ou de conveniência (COZBY, 2003). Algumas das características demográficas da amostra em questão estão dispostas na Tabela 1.

Os estudantes foram divididos de modo equivalente quanto ao sexo, não obstante, houve uma predominância do sexo feminino (58%). Eles tinham, em média 22,9 anos de idade ($DP = 5,55$) e, em sua maioria, eram solteiros (83,9%). Quanto aos cursos, estes foram categorizados em Ciências Humanas (por exemplo, psicologia, ciências sociais, pedagogia), Ciências Exatas (por exemplo, engenharias, matemática, física, ciência da computação), Ciências Sociais Aplicadas (por exemplo, ciências contábeis, economia, administração, direito) e Ciências da Saúde (alunos de enfermagem). A amostra foi composta, principalmente, por estudantes da área de Ciências Humanas (46,4%) e que estavam na primeira metade de seus cursos (85,4%). Com relação ao indicador econômico da amostra, a maioria declarou ter uma renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos (40,6%) ou menor que 5 salários mínimos (30,4%), o restante reportou ter uma renda familiar superior a 10 salários mínimos. No que diz respeito à religião, os católicos foram predominantes (61,2%).

Tabela 1- Caracterização da amostra.

VARIÁVEL	NÍVEIS	f	%
Sexo	Feminino	130	58,0
	Masculino	94	42,0
Idade	Entre 16 e 18 anos	17	7,6
	Entre 19 e 24 anos	160	71,8
	Entre 25 e 51 anos	46	20,6
Estado Civil	Solteiro	188	83,9
	Casado/Convivente	31	13,8
	Separado/Divorciado	5	2,2
Área dos Cursos	Ciências Humanas	104	46,4
	Ciências Exatas e da Natureza	73	32,6
	Ciências Sociais Aplicadas	43	19,2
	Ciências da Saúde	4	1,8
Período	Do 1º ao 5º	187	85,4
	Do 6º ao 10º	32	14,6
Renda Familiar	Menor que 5 salários	68	30,4
	Entre 05 e 10 salários	91	40,6
	Entre 10 e 20 salários	38	17,0
	Entre 20 e 30 salários	21	9,4
	Superior a 30 salários	6	2,7
Religião	Católica	131	61,2
	Evangélica	35	16,4
	Nenhuma	35	16,4
	Espírita	12	5,6
	Candomblé	1	0,5

Nota. As frequências e porcentagens referem-se aos valores válidos.

4.2. Instrumentos

A cada um dos participantes foi solicitado que respondesse a um caderno de questões (vide Anexo I) que continha, além de perguntas de caráter sócio-demográfico (sexo, idade, renda e outras), as seguintes medidas:

Inventário de Sugestionabilidade (IS)

Desenvolvido na Espanha por Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999), está composto por 22 itens que expressam reações que podem ser experienciadas no cotidiano. As respostas são dadas em uma escala do tipo *Likert*, com cinco pontos e apresentando os extremos **0** = Quase Nunca e **4** = Quase Sempre (vide Anexo II).

Seus autores apresentam uma estrutura composta por quatro fatores independentes. O primeiro fator, denominado *fantasioso*, reúne itens que se referem à capacidade que o indivíduo tem de fantasiar e exploram a tendência do sujeito para evadir-se ou desejar ser levado pela imaginação, por uma música ou uma voz (por exemplo, *Fantasio a respeito das coisas que me aconteceram ou que gostaria que tivessem acontecido; Sonho acordado*).

O segundo fator foi chamado de *absorção ou concentração* e está composto por itens que exploram a capacidade do sujeito focalizar sua atenção, concentrar-se em imagens e sensações próprias ou experimentar claramente sensações através da imaginação (por exemplo, *Quando me concentro em algo posso ficar absorto/a; Tenho facilidade para me concentrar na tarefa que estou fazendo*).

O terceiro fator, *implicação emocional*, por sua vez, reúne itens que refletem a capacidade do sujeito implicar-se emocional e ativamente no conteúdo da mensagem estimulante (por exemplo, *Os filmes emotivos me fazem chorar facilmente; Sou uma pessoa impressionável*).

Finalmente, o último fator, denominado como *influenciabilidade*, reúne itens que exploram o grau com que um indivíduo permite que os demais influam em suas atitudes, seus pensamentos e seu estado de ânimo (por exemplo, *Tendo a crer o que me dizem os demais; É fácil para mim contagiar-me do estado de ânimo dos outros*).

No contexto espanhol, o total dos 22 itens explicou 47,8% da variância total. Sua fidedignidade foi demonstrada através de uma prova de teste-reteste, com um intervalo entre as aplicações de três meses, tendo o resultado sido $IS\text{-}total = 0,70$, *fantasioso* = 0,55, *absorção ou concentração* = 0,49, *implicação emocional* = 0,81 e *influenciabilidade* = 0,71. Quanto à consistência interna, também foram observados indicadores satisfatórios, com um coeficiente Alfa de Cronbach para o teste total de 0,79.

Escala de Desejabilidade Social

Esta escala foi elaborada originalmente em língua inglesa por Conn e Rieke (1994) e faz parte do *Questionário dos Dezesesseis Fatores de Personalidade (16PF)*. Validado para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2000), este instrumento caracteriza-se por ser uma ferramenta prática para a medição da tendência a responder de forma socialmente aceitável. Ele está composto por 12 itens (por exemplo, *Estou disposto a ajudar as pessoas; Posso enganar as pessoas sendo amável quando na realidade me desagradam*) que são respondidos numa escala *Likert*, variando de **1** = Nunca a **5** = Sempre (vide Anexo III). Sua validação evidenciou a existência de uma solução bifatorial, composta pelos fatores *autodecepção* e *decepção do outro*. Dada a correlação entre esses dois fatores, também é considerada a existência de um fator geral de desejabilidade. O índice de consistência interna (Alfa de Cronbach) para a escala como um todo foi de 0,62.

Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP)

Inicialmente elaborada por S. Folkman e R. S. Lazarus, relevantes pesquisadores do conceito de *coping*, o *Ways of Coping Checklist* concebe o

enfrentamento de problemas como respostas dadas a estressores específicos. Em sua versão inicial estava composta por itens divididos entre estratégias dirigidas para o problema e estratégias focalizadas na emoção. Dentre as revisões realizadas a partir dessa versão original está a apresentada por Vitaliano, Russo, Carr, Maiuro e Becker (1985, apud SEIDL; TROCCOLI; ZANNON, 2001), que a apresentaram com uma estrutura fatorial composta por cinco fatores (focalização no problema, pensamento fantasioso/desiderativo, busca de suporte social, esquiva e autculpa).

Este instrumento foi adaptado para o contexto brasileiro por Seidl, Troccoli e Zannon (2001), que demonstraram sua adequação psicométrica e a denominaram Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP). Para mensurar o modo como as pessoas lidam com situações estressoras, antes de ler os itens, é pedido ao respondente que pense e escreva uma situação ou problema que tem enfrentado atualmente. Em seguida, as respostas são dadas por meio de uma escala *Likert* com os extremos **1** = Eu nunca faço isso e **5** = Eu faço isso sempre (vide Anexo IV).

Os 45 itens que compõem a escala estão distribuídos entre os fatores estratégias de enfrentamento focalizadas no problema (por exemplo, *Eu digo a mim mesmo o quanto já consegui; Eu sairei dessa experiência melhor do que entrei nela*); estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção (por exemplo, *Eu culpo os outros; Demonstro raiva para as pessoas que causaram o problema*); práticas religiosas / pensamento fantasioso (por exemplo, *Espero que um milagre aconteça; Eu desejaria poder mudar o que aconteceu comigo*), e busca de suporte social (por exemplo, *Converso com alguém sobre o que estou sentindo; Peço um conselho a um parente ou amigo que eu respeite*). Conjuntamente, os quatro fatores encontrados explicaram 25,7% da variância total e todos os fatores apresentaram índices de consistência interna (Alfa de Cronbach) iguais ou superiores a 0,70.

Questionário de Saúde Geral (QSG 12)

O Questionário de Saúde Geral, de David P. Goldberg, atualmente bastante utilizado no Brasil, teve sua versão com 12 itens validada para o contexto paraibano por Gouveia et al. (2003). Este instrumento busca avaliar o nível de saúde/doença mental dos respondentes. Seus itens expressam sintomas que o respondente indica ter apresentado nas últimas semanas. Utilizando uma escala de quatro pontos, a pessoa indica o quanto tem experimentado tais sintomas.

Para o caso dos itens que apresentam sintomas negando a saúde (por exemplo, *Suas preocupações lhe têm feito perder o sono? Tem notado que está constantemente agoniado e tenso?*) as alternativas de resposta variam de **1** = Absolutamente, não a **4** = Muito mais que o de costume (vide Anexo V). Já para aquelas que apresentam os sintomas afirmando a saúde (por exemplo, *Tem podido concentrar-se bem no que faz? Tem sentido que tem um papel útil na vida?*) as alternativas vão desde **1** = Mais que o de costume até **4** = Muito menos que o de costume. Desse modo, a menor pontuação indica um melhor nível de saúde mental.

Gouveia et al. (2003) demonstraram a possibilidade de considerar uma solução fatorial composta por três fatores, a saber: ansiedade, depressão e auto-eficácia percebida. Ademais, também apontaram a viabilidade de se considerar um fator geral. Este fator explicou 31,9% da variabilidade de resposta e apresentou uma consistência interna (Alfa de Cronbach) de 0,84.

Questionário Sócio-Demográfico

Por fim, foi elaborada uma página contendo perguntas de caráter sócio-demográfico. As questões envolviam as variáveis: *idade*, *sexo*, *estado civil*, *curso*,

período que está cursando, renda e religião. Estas tinham como finalidade identificar características gerais da amostra considerada (vide Anexo VI).

4.3. Procedimento

Procurou-se seguir um procedimento padrão para a coleta dos dados. Os instrumentos acima descritos foram aplicados por um pesquisador do sexo masculino. Sua aplicação foi feita individualmente, mas em contexto coletivo, na sala de aula. Inicialmente, foi feito um contato prévio com os professores e foram explicados os objetivos da pesquisa, solicitando destes, em seguida, que concedessem um momento de sua aula para que os alunos respondessem os instrumentos.

Recebida a autorização do professor, o aplicador se apresentou à turma, entregou o caderno contendo as questões a serem respondidas (vide anexos) e informou, em linhas gerais, de que se tratava a pesquisa. Limitou-se a dizer que a pesquisa tinha como objetivo conhecer melhor alguns aspectos relacionados à maneira como as pessoas se comportam e pensam. Essa restrição informacional é justificada dada a natureza do construto sugestionabilidade, posto que explicitar previamente aos participantes a intenção de avaliá-la certamente introduziria um viés de resposta que comprometeria os resultados.

Em seguida, o aplicador também deixou claro que a participação seria inteiramente voluntária e que o participante poderia, caso quisesse, não prosseguir colaborando, sem que isso lhe acarretasse qualquer tipo de prejuízo. Foi dito também que as respostas deveriam ser dadas individualmente e foi feito um apelo para que não conversassem ou trocassem informações durante o momento em que

estivessem respondendo ao questionário e que, caso tivessem qualquer dúvida quanto à forma de responder, poderiam solicitar o esclarecimento do aplicador.

Finalmente, também foi informado o caráter sigiloso com que seriam tratadas as suas respostas, indicando que não necessitariam informar seus nomes ou qualquer outra informação que os identificasse pessoalmente, uma vez que suas respostas não seriam analisadas individualmente e sim coletivamente e que, em função disso, fossem o mais sinceros possíveis em suas respostas.

Tendo compreendido tudo isso, os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido no qual consentiam sua participação e a utilização de suas respostas para análises posteriores. Ao final do preenchimento o aplicador agradeceu a cada respondente pela sua colaboração.

Convém ainda assinalar que, antes da realização da pesquisa, o seu projeto de execução foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS. Após ter recebido o parecer favorável (Protocolo n. 378), procedeu-se a efetuação dos procedimentos metodológicos aqui descritos.

4.4. Análise de Dados

Os dados, depois de coletados, foram tabulados e analisados por meio do pacote estatístico *SPSSwin* (*Statistical Package for the Social Sciences for Windows*), versão 11.0 e do programa AMOS, versão 4.01. No primeiro, dentre as análises feitas destacam-se as estatísticas descritivas (médias, desvios padrões, frequências, e porcentagens); a análise fatorial exploratória do *Inventário de Sugestionabilidade*; o cálculo da consistência interna dos instrumentos utilizados; as

correlações entre a sugestionabilidade e os demais construtos considerados (Desejabilidade Social, *Coping* e Saúde Geral); e, finalmente, um teste de contraste de médias (MANOVA) para verificar se há diferença estatisticamente significativa entre homens e mulheres quanto à magnitude média de sugestionabilidade em cada um desses grupos.

No AMOS foram realizadas análises fatoriais confirmatórias a fim de atestar a adequação de uma solução multifatorial para o construto sugestionabilidade. Foi empregado o estimador Maximum Likelihood (ML) e para analisar a adequação de ajuste do modelo optou-se por utilizar os seguintes indicadores: o χ^2/df (índice de adequação de ajuste subjetivo), que deve apresentar valor menor que cinco (BYRNE, 1989); o **GFI** (*Goodness-of-Fit Index*) e o **AGFI** (*Adjusted Goodness-of-Fit Index*), que devem ser pelo menos iguais ou maiores que 0,80 (RHEE; ULEMAN; LEE, 1996); e o **RMSEA** (*Root Mean Square Error of Approximation*) que deve apresentar um valor menor que 0,08 (BROWNE; CUDECK, 1993).

CAPÍTULO V - RESULTADOS

V – RESULTADOS

Um dos objetivos principais desta pesquisa foi avaliar a dimensionalidade da sugestionabilidade como estando composta por quatro fatores disposicionais, a saber: *fantasiosidade*, *influenciabilidade*, *implicação emocional* e *absorção*. Como já mencionado, essa conformação conceitual da sugestionabilidade foi proposta por Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999), que desenvolveram um inventário que contempla esses quatro fatores. Para verificar essa mesma conformação no contexto brasileiro, procedeu-se à validação fatorial do *Inventário de Sugestionabilidade* (GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999), que passará a ser descrita no tópico 5.1, a seguir.

Uma vez apresentada a estrutura fatorial da sugestionabilidade, será demonstrada, no tópico 5.2, como a sugestionabilidade encontra-se distribuída entre os universitários. Buscar-se-á demonstrar a normalidade da distribuição da sugestionabilidade, uma vez que esse dado é fundamental para a determinação das possibilidades analíticas da variável de interesse desta dissertação.

Posteriormente, no tópico 5.3, com vistas a atingir os demais objetivos propostos neste estudo, serão apresentadas as correlações da sugestionabilidade e de seus fatores com outras variáveis psicológicas e demográficas. Especificamente, serão apresentadas correlações com algumas estratégias de enfrentamento de problemas, a desejabilidade social, os indicadores de saúde mental e o sexo.

5.1. Validação do *Inventário de Sugestionabilidade*

5.1.1. Tradução e Validação Semântica dos Itens

O primeiro passo para a validação do *Inventário de Sugestionabilidade* foi a sua tradução, para a qual foi utilizado o método *back-translation*. Um psicólogo, com conhecimento em língua espanhola, traduziu os itens para o português. Em seguida, esses itens foram retraduzidos para o espanhol por outro perito bilíngüe em psicologia. Então, a versão retraduzida e a original foram comparadas e não apresentaram diferenças que modificassem o significado de qualquer um dos itens.

Tendo sido traduzidos, os itens foram submetidos a uma validação semântica. Para realizá-la contou-se com uma turma de 30 alunos do segundo ano do Ensino Médio, posto que compunham um estrato inferior (em habilidade) ao da população meta ao qual se destinou a validação do inventário. Foi pedido para que cada aluno respondesse individualmente ao instrumento, atentando para o significado e a forma de cada item, identificando se eles estavam bem compreensíveis e, caso sentissem alguma dificuldade, fizessem uma anotação que seria retomada na discussão que seguiria após todos terem respondido.

Uma vez concluída a atividade individual de responder a escala, o aplicador perguntou aos alunos que dificuldades tiveram. Depois disso, cada um dos itens foi lido pelo aplicador que, na seqüência, pedia para que algum aluno, escolhido aleatoriamente, expressasse a idéia daquele item com suas palavras. As dificuldades percebidas foram registradas, não obstante, a maioria dos itens foi bem compreendida. Posteriormente, foram feitos pequenos ajustes em alguns dos itens. Após essa etapa, a versão final da tradução do inventário foi aplicada à amostra de

interesse do estudo e, em seguida, as respostas foram digitadas, permitindo, então, iniciar os procedimentos analíticos do material coletado.

5.1.2. Análise do Poder Discriminativo dos Itens

Ao proceder à validação de um instrumento de medida psicológica um dos aspectos a serem considerados é a capacidade de seus itens discriminarem sujeitos com magnitudes próximas no mesmo construto analisado (PASQUALI, 1999), em outras palavras, deve-se procurar identificar se o item possui poder discriminativo. Um item que tem um fraco poder discriminativo não seria útil para distinguir entre alguém quem teria alta magnitude de sugestionabilidade e alguém com baixa magnitude do mesmo traço latente. Por esta razão é necessário identificar e, eventualmente, excluir itens que não fossem satisfatoriamente discriminativos.

No presente estudo, para o cálculo do poder discriminativo foi efetuado um somatório de todos os 22 itens do *Inventário de Sugestionabilidade* e, em seguida, foi calculada a mediana da variável gerada a partir desse somatório. Com base no valor da mediana ($Md = 2,06$) foram estabelecidos os grupos critério inferior e superior situados, respectivamente, abaixo e acima da mediana. Desse modo, para que um item fosse considerado discriminativo a média da sugestionabilidade do grupo critério inferior deveria ser estatisticamente menor que aquela do grupo critério superior. Para que isso fosse verificado procedeu-se a uma análise de variância multivariada (MANOVA) do tipo *One Way*, na qual a variável “grupos critérios” foi a variável independente e cada um dos 22 itens entrou como variável dependente. O resultado dessa análise revelou uma diferença estatisticamente significativa entre o conjunto de médias do grupo superior e do inferior (Lambda de Wilks = 0,35; $F =$

16,095; $p < 0,001$). Alguns detalhamentos dessa análise podem ser observados na Tabela 2, apresentada logo em seguida.

Tabela 2- Poder discriminativo dos itens do *Inventário de Sugestionabilidade*.

Itens	Grupos Critério				Contrastes	
	Inferior		Superior			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>
01	2,10	1,04	2,74	1,02	20,53	0,000*
02	2,58	0,91	2,93	0,82	8,68	0,004*
03	0,96	0,80	1,59	0,96	26,42	0,000*
04	2,00	1,05	2,61	0,99	18,53	0,000*
05	1,71	0,99	2,28	1,05	16,84	0,000*
06	2,03	1,00	2,43	0,92	9,54	0,002*
07	1,53	1,47	1,90	1,44	3,37	0,068
08	2,21	1,05	3,02	0,89	36,00	0,000*
09	1,78	0,93	2,21	1,01	10,51	0,001*
10	1,89	1,11	3,01	0,90	63,43	0,000*
11	1,81	1,21	3,11	1,02	70,37	0,000*
12	1,02	1,04	2,47	1,20	90,26	0,000*
13	2,25	0,94	2,47	0,99	2,92	0,089
14	0,98	0,95	2,27	1,19	76,38	0,000*
15	1,73	1,12	2,64	1,18	32,54	0,000*
16	2,17	1,08	3,28	0,83	69,58	0,000*
17	1,70	1,16	2,84	1,03	56,81	0,000*
18	1,58	1,44	2,48	1,40	21,71	0,000*
19	1,17	0,90	1,73	0,92	19,97	0,000*
20	1,24	0,93	2,02	0,97	35,88	0,000*
21	2,08	1,03	2,87	0,90	34,92	0,000*
22	0,88	0,96	1,83	1,12	44,78	0,000*

Nota. * Item discriminativo.

Como é possível perceber, na maioria dos itens as médias do grupo inferior foram estatisticamente menores que aquelas do grupo superior, as exceções foram os itens 07 (*Em geral os filmes de terror me assustam*) e 13 (*Tenho dificuldade para me concentrar nas tarefas que estou fazendo*) que passarão a ser desconsiderados nas próximas análises. Não obstante, excetuando-se esses dois, o conjunto dos

demais itens mostrou-se adequadamente discriminativo e, conseqüentemente, estariam disponíveis para serem considerados em análises posteriores.

5.1.3. Identificando o número de Fatores: Análise Paralela

Uma vez identificados quais itens eram discriminativos, o próximo passo foi identificar como esses itens poderiam se agrupar em fatores específicos. Isto pode ser feito por meio da análise fatorial. Neste tipo de análise uma decisão fundamental é a determinação de quantos fatores serão extraídos. Para isso, frequentemente, os pesquisadores têm utilizado o critério do valor próprio (*eigenvalue*) maior que um. Entretanto, existe atualmente outros métodos mais confiáveis para a decisão sobre quantos fatores podem ser extraídos, como é o caso da análise paralela (*parallel analysis*) (O'CONNOR, 2000).

Na análise paralela os valores próprios (*eigenvalues*) de uma matriz de correlação de dados aleatórios, com mesmo número de sujeitos e itens presentes na matriz real de dados, são comparados com os valores próprios da matriz empírica, calculada pela análise dos componentes principais ou análise dos eixos principais. Desse modo, são extraídos fatores para dois conjuntos de dados (aleatório e real).

Este procedimento de comparação dos valores próprios enfoca a magnitude da variância explicada pelos componentes ou fatores. De acordo com Reise, Walter e Comrey (2000), só se deve reter um fator ou componente se este explica maior variância do que seu correspondente nos dados aleatórios. Logo, quando um valor próprio dos dados aleatórios é superior ao dos dados empíricos, não é pertinente reter esse componente ou fator.

Para a realização da análise paralela foi utilizado o procedimento desenvolvimdo em SPSS por O'Connor (2000) para identificar os valores próprios de dados aleatórios. Na Tabela 3 são mostradas as comparações entre os valores próprios dos dados aleatórios e aqueles observados a partir de um conjunto de 19 itens do *Inventário de Sugestionabilidade*³

Tabela 3- Comparação entre os valores próprios (*eigenvalues*) aleatórios e os empíricos gerados a partir dos itens do *Inventário de Sugestionabilidade*.

Componentes	Valores Próprios aleatórios	Valores próprios empíricos	% variância explicada	% variância explicada acumulada
01	1,55	4,79	25,20	25,20
02	1,44	2,17	11,42	36,61
03	1,36	1,39	7,34	43,95
04	1,29	1,22	6,40	50,35
05	1,23	1,08	5,69	56,04
06	1,17	0,99	5,23	61,26
07	1,12	0,86	4,52	65,79
08	1,07	0,78	4,11	69,90
09	1,02	0,76	3,98	73,87
10	0,98	0,74	3,90	77,77
11	0,93	0,64	3,39	81,16
12	0,88	0,63	3,29	84,45
13	0,84	0,58	3,03	87,48
14	0,80	0,57	2,98	90,46
15	0,75	0,47	2,47	92,93
16	0,71	0,41	2,16	95,10
17	0,66	0,39	2,05	97,15
18	0,61	0,29	1,50	98,65
19	0,55	0,26	1,35	100,00

De acordo com a tabela, os valores próprios empíricos são maiores que os valores próprios aleatórios em três componentes. Tais dados sugerem a existência

³ Como observado no tópico anterior, do conjunto dos 22 itens que compunham a versão original do Inventário de Sugestionabilidade dois (itens 07 e 13) foram desconsiderados por se mostrarem não discriminativos. Além deles, foi excluído também o item 06, em razão de um erro de tipografia que alterou o seu sentido. O item foi escrito *Tenho idéias ou pensamentos sugestionáveis*, quando deveria ter sido escrito *Tenho idéias ou pensamentos supersticiosos*. Portanto, permaneceram 19 itens que foram utilizados nas demais análises.

de três fatores. Em posse dessa informação, o passo seguinte foi a realização da análise fatorial, descrita a seguir.

5.1.4. A Sugestionabilidade e suas Dimensões

Análise Fatorial Exploratória

Um dos objetivos principais da presente dissertação era verificar a adequação da dimensionalidade da sugestionabilidade como estando composta por quatro fatores (*fantasiosidade, influenciabilidade, implicação emocional e absorção*), tal como apresentado por Gonzáles-Òrdi e Miguel-Tobal (1999). A análise paralela, acima apresentada, já demonstrou a inviabilidade da extração de quatro fatores, sendo mais adequado considerar apenas três. Faz-se, portanto, necessário identificar quais foram esses os três fatores. Para isso, os mesmos 19 itens utilizados na análise paralela foram submetidos a uma análise fatorial exploratória com o intuito de observar como eles se articulam entre si. Por meio desta técnica é possível atestar a adequação de uma definição operacional de uma variável (PASQUALI, 1997).

Inicialmente, foi verificado se o conjunto dos dados permitiria a realização de uma análise fatorial. Isso foi feito analisando-se os valores do KMO e do Teste de Esfericidade de Bartlet. Ambos mostraram-se adequados ($KMO = 0,80$ e *Testes de Esfericidade de Bartlet* com $\chi^2 = 1096$; $gl = 171$; $p = 0,0001$) e, conseqüentemente, procedeu-se a realização de uma Análise Fatorial dos Componentes Principais (PC). Como sugerem os propositores do inventário, optou-se por adotar uma rotação oblíqua (*Direct Oblimin*) e foi fixada previamente a extração de três fatores, como indicou a análise paralela. A solução fatorial resultante pode ser vista na Tabela 4.

Tabela 4- Estrutura fatorial do *Inventário de Sugestionabilidade*.

Item	Conteúdo Abreviado	FATORES			
		I	II	III	h^2
16.	Fantasio sobre as coisas que aconteceram ou que gostaria que tivessem acontecido.	0,76			0,58
17.	Sonho acordado(a).	0,74			0,55
15.	Posso recordar experiências com clareza como se estivesse vivendo-as outra vez.	0,60			0,37
14.	Ao ver um filme esqueço de mim e experimento a trama como se fosse real.	0,59			0,44
21.	Há pessoas que me fascinam no primeiro olhar.	0,45			0,32
04.	É fácil contagiar-me com o estado de ânimo dos outros.	0,40			0,20
03.	Deixo-me levar pelos demais.		0,81		0,67
22.	Deixo que determinadas pessoas influam sobre Mim mais do que considero conveniente.		0,69		0,52
19.	Mudo de opinião com facilidade.		0,69		0,49
20.	Tendo a crer no que me dizem os demais.		0,65		0,45
01.	A opinião dos demais conta muito para mim.		0,59		0,48
18.	Os filmes dramáticos me fazer chorar facilmente.		0,36		0,18
05.	Sou uma pessoa sugestionável.		0,35		0,18
08.	Quando me concentro em algo fico completamente absorvido.			0,79	0,63
10.	Quando me concentro em meus pensamentos, facilmente perco a noção de tempo.			0,76	0,60
11.	Quando escuto a música que gosto, deixo-me levar por ela até me desligar das coisas a minha volta.			0,65	0,60
12.	Uma voz pode ser tão fascinante que posso continuar escutando e esquecer do que me rodeia.			0,64	0,60
09.	Sou uma pessoa impressionável.			0,54	0,30
02.	Posso imaginar coisas de forma clara e nítida.			0,36	0,19
<i>Eigenvalue</i>		4,79	2,17	1,39	
% Variância		25,20	11,42	7,34	
Alfa de Cronbach		0,71	0,69	0,76	
Número de Itens		6	7	6	
Média		2,22	1,70	2,29	
Desvio Padrão		0,74	0,65	0,76	

Nota. Fatores: I – Fantasiabilidade; II – Influenciabilidade; III – Absorção.

Como pode ser visto, todos os itens saturaram nos seus respectivos fatores com cargas fatoriais de pelo menos 0,35. Em sua maioria, as cargas fatoriais

apresentaram saturações nos mesmos fatores que na versão original do inventário. Os três fatores extraídos apresentaram *eigenvalue* superior a 1,00 e explicaram conjuntamente 44% da variância total. O índice de fidedignidade (Alfa de Cronbach) do conjunto de 19 itens da versão adaptada foi de 0,83.

O primeiro fator, chamado ***fantasiosidade***, reuniu um total de seis itens e contribui com 25% da explicação da variância. Os itens expressam a capacidade ou propensão para fantasiar frente a diversas circunstâncias. Seu índice de consistência interna (Alfa de Cronbach) foi de 0,71. As cargas fatoriais variaram de 0,40 (*É fácil para mim contagiar-me com o estado de ânimo dos outros*) a 0,76 (*Fantasio sobre as coisas que aconteceram ou que gostaria que tivessem acontecido*).

O segundo fator, denominado ***influenciabilidade***, congregou sete itens e explicou 11% da variância. Ele reflete a tendência em receber influência dos outros, de ser persuadido ou conduzido. A consistência interna (Alfa de Cronbach) desse fator foi de 0,69. Suas cargas fatoriais variaram de 0,35 (*Sou uma pessoa sugestionável*) a 0,81 (*Deixo-me levar pelos demais*).

Finalmente, no terceiro fator, nomeado como ***absorção***, foram reunidos seis itens e a variância explicada foi de 7%. Os itens aqui reunidos dizem respeito à facilidade em concentrar-se em algo a ponto de fazer com que outros estímulos sejam indiferentes neste momento. Seu índice de fidedignidade (Alfa de Cronbach) foi de 0,76. A variação das cargas fatoriais teve como limites os valores 0,36 (*Posso imaginar coisas de forma clara e nítida*) e 0,79 (*Quando me concentro em algo fico completamente absorvido*).

Com base no que foi exposto, a validação do *Inventário de Sugestionabilidade* mostrou-se adequada com uma estrutura composta por três e não por quatro

fatores, como era esperado. O fator *absorção*, que deveria expressar a capacidade de se implicar emocionalmente em face de alguma situação estimuladora, não emergiu claramente. Itens que deveriam constar neste fator foram desconsiderados ao longo do processo de validação aqui conduzido (ver tópico 5.1.3). Isso sugere a necessidade de que, futuramente, outros itens sejam elaborados para melhor representar o referido fator.

Procurou-se também analisar a relação dos fatores entre si. A Tabela 5 mostra as correlações entre a pontuação gerada a partir do somatório de todos os 19 itens da versão adaptada (IS Total) e os fatores específicos do *Inventário de Sugestionabilidade*.

Tabela 5- Correlações entre a pontuação total do *Inventário de Sugestionabilidade* (IS Total) e seus fatores.

	1	2	3
1. IS Total	-		
2. Fantasiosidade	0,845	-	
3. Influenciabilidade	0,730	0,450	-
4. Absorção	0,750	0,511	0,233

Nota. Todos os $p < 0,001$.

De acordo com a tabela acima, a maioria das correlações foi alta e bastante significativa. Tais correlações entre os fatores sugerem sua relativa interdependência.

Análise Fatorial Confirmatória

A fim de comprovar mais seguramente a conformação multifatorial da sugestionabilidade composta pelos fatores *fantasiosidade*, *influenciabilidade* e *absorção*, optou-se por realizar uma análise fatorial confirmatória. Os resultados dessa análise apresentaram todos os pesos fatoriais (lambdas) positivos e

estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96$, $p < 0,05$), como se vê na Figura 1 abaixo. Os indicadores de adequação de ajuste que permitiriam apoiar a adequação do modelo composto pelos três fatores em questão foram os seguintes: $\chi^2/g.l = 1,85$; $GFI = 0,88$; $AGFI = 0,85$; $RMSEA = 0,06$.

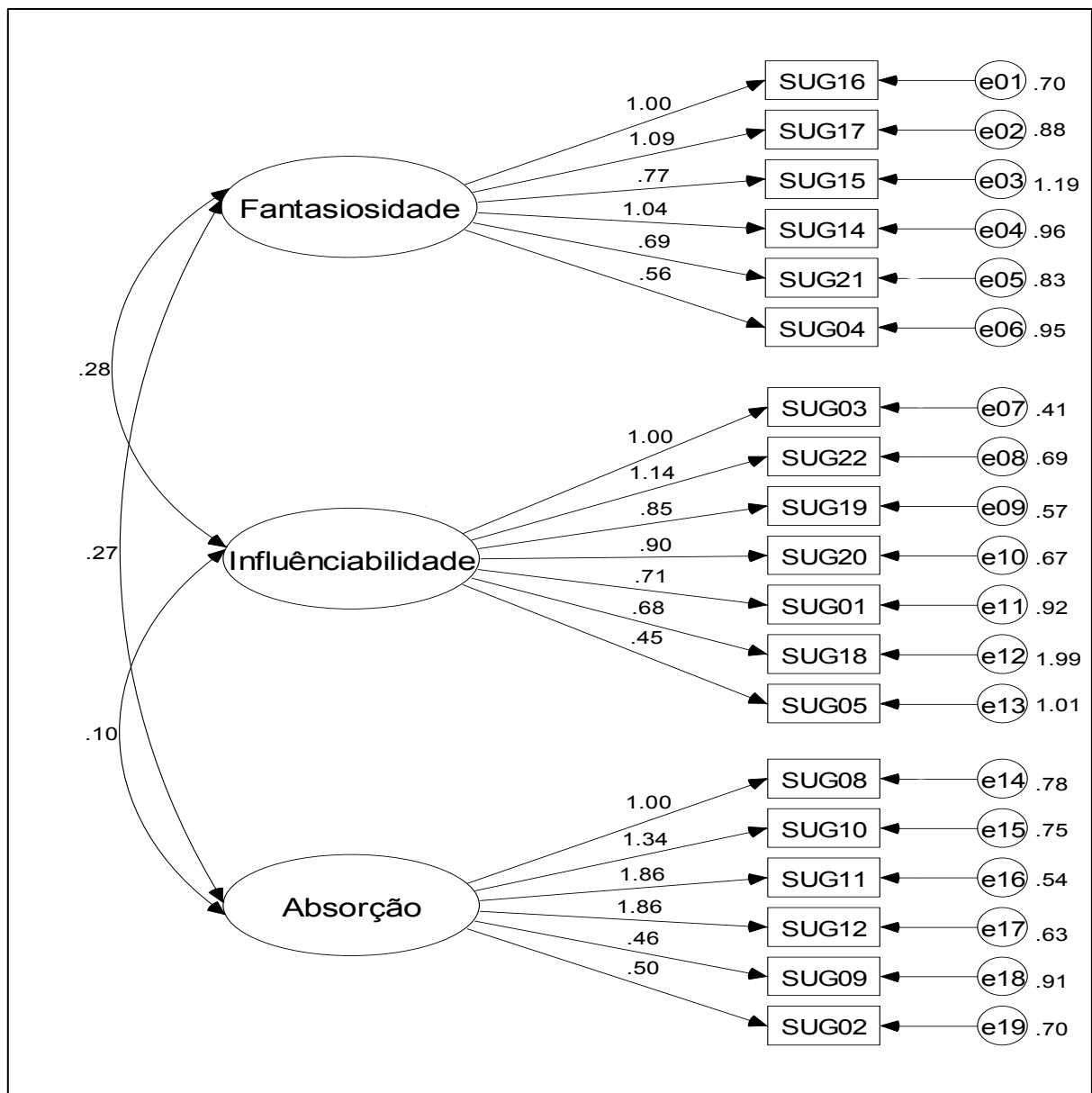


Figura 1- Modelo multifatorial do *Inventário de Sugestionabilidade*.

Como base em tudo o que foi acima apresentado, pode-se corroborar a adequação da solução multifatorial para a sugestionabilidade. A precisão dos fatores específicos e do inventário como um todo também pode ser considerada como satisfatória, o que possibilita a realização de outras análises com base nesse inventário. Nas análises subsequentemente realizadas, o somatório de todos os itens da versão aqui adaptada será denominado de “sugestionabilidade”. A máxima pontuação dos participantes, tanto na sugestionabilidade, como em seus fatores, expressará uma maior magnitude nesses construtos.

Para dar prosseguimento à consecução dos objetivos propostos, na continuidade serão apresentadas as relações entre a sugestionabilidade e outras variáveis psicológicas. Antes, contudo, é pertinente observar como a sugestionabilidade encontra-se distribuída entre os participantes deste estudo.

5.2. Distribuição da Sugestionabilidade

Um aspecto fundamental a ser observado nas análises preliminares de uma variável é o modo como ela encontra-se distribuída. No Gráfico 1 pode ser visto o formato da distribuição da variável sugestionabilidade. Como se pode ver, a variável tem uma distribuição muito semelhante a uma distribuição normal ou gaussiana. A simples aparência, contudo, não permite afirmar com certeza que a distribuição tenha esse formato, portanto, faz-se necessária a utilização de alguns indicadores estatísticos, tais como a assimetria (*skewness*), a curtose (*kurtosis*) e mesmo um *teste de aderência*.

Uma distribuição é simétrica quando um eixo que parte da média divide a distribuição em duas partes iguais. Segundo Bisquerra, Sarriera e Martínez (2004),

uma simetria perfeita deveria assumir um valor próximo ou igual a zero, o que ocorreu na amostra aqui considerada, uma vez que a assimetria assumiu o valor de 0,01. Uma vez que o valor da assimetria seja positivo a distribuição tende a se concentrar à esquerda da média. Em outras palavras, pode-se dizer que a distribuição da sugestionabilidade da amostra aqui considerada apresentou uma simetria quase perfeita, com uma leve concentração à esquerda da média.

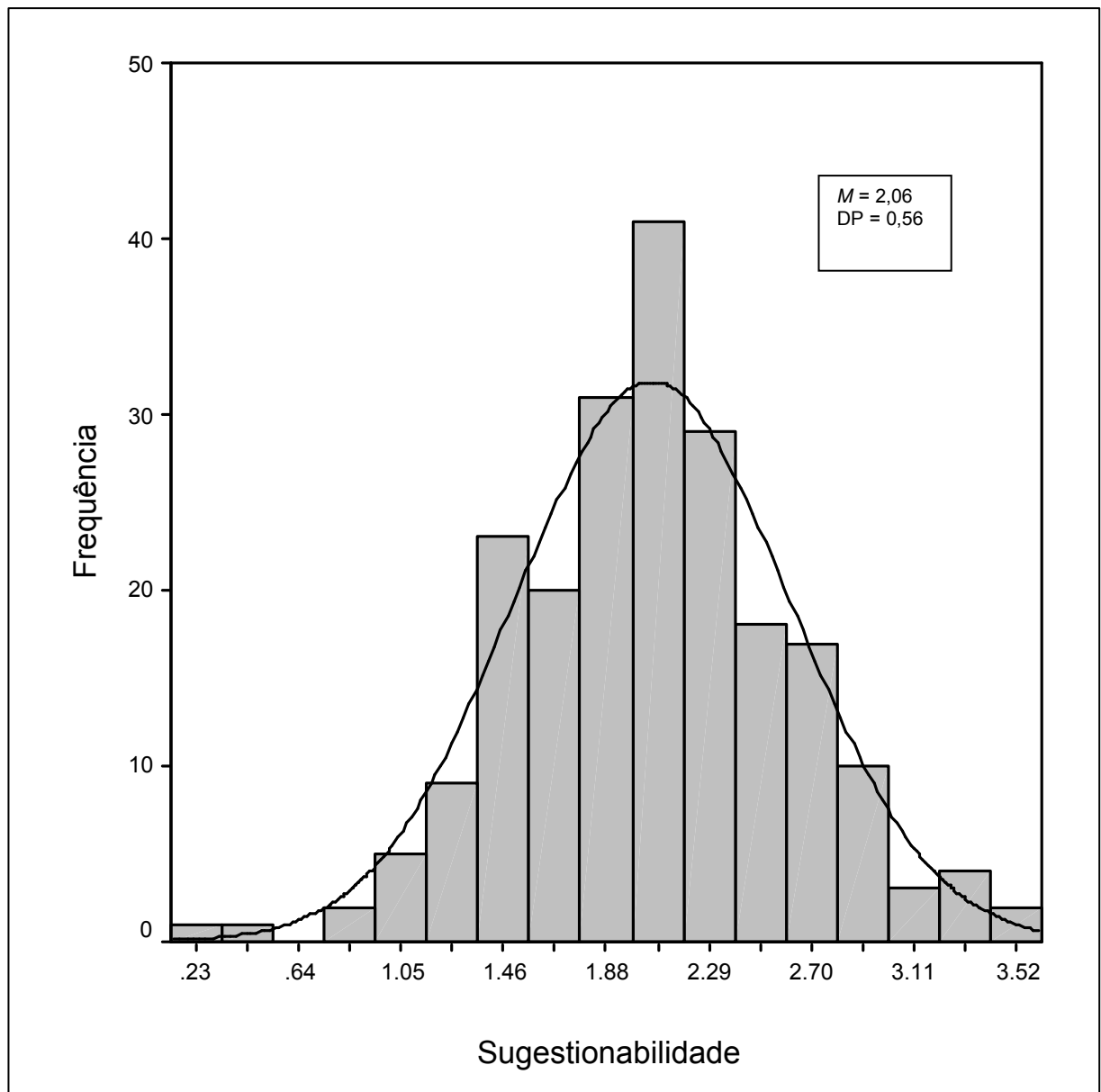


Gráfico 1- Histograma da variável sugestionabilidade.

Denomina-se curtose o grau de achatamento da parte central de uma distribuição. A curtose quando assume o valor zero é chamada de *mesocúrtica* (normal ou gaussiana), quando positiva é denominada de *leptocúrtica* e quando negativa é chamada de *platicúrtica*. A curtose da distribuição da sugestionabilidade na amostra deste estudo foi de 0,31, portanto, leptocúrtica. O fato de o valor ter sido positivo sugere que a distribuição é um pouco mais concentrada próxima à média, entretanto, por seu valor ser muito baixo, quase próximo a zero, a normalidade da distribuição estaria preservada.

Para assegurar-se mais propriamente de que a distribuição da sugestionabilidade seria normal, fez-se uso de um teste de aderência. Tomando o teste de aderência de Kolmogorov-Smirnov, e sabendo que o teste não apresentou um nível de significância estatística (Kolmogorov-Smirnov = 0,66; $p = 0,77$), é possível concluir que a distribuição da sugestionabilidade pode ser considerada como normal ou gaussiana. Isso significa que a concentração da distribuição está em torno do ponto médio e vai diminuindo na medida em que se distancia dele. Esta constatação é importante posto que, de modo geral, possibilita a utilização de diversos testes paramétricos com a variável em questão (BISQUERRA; SARRIERA; MARTINEZ, 2004).

5.3. Sugestionabilidade e Outras Variáveis

5.3.1. Sugestionabilidade e Estratégias de Enfrentamento de Problemas

Convém inicialmente assinalar que para analisar as relações da sugestionabilidade com as estratégias de enfrentamento de problemas e a maioria

das demais variáveis aqui consideradas, foram utilizadas correlações de *Pearson*. Para correlacionar a sugestionabilidade com algumas de estratégias de *coping*, utilizaram-se os quatro fatores da *Escala Modos de Enfrentamento de Problemas* (SEIDL; TROCCOLI; ZANNON, 2001), a saber: *estratégias de enfrentamento focalizadas no problema*, *estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção*, *práticas religiosas / pensamento fantasioso* e *busca de suporte social*. Os resultados dessas análises podem ser visualizados na Tabela 6.

Tabela 6- Correlação entre a sugestionabilidade e as estratégias de enfrentamento.

	Sugestionabilidade e seus fatores			
	I	II	III	IV
Focalizadas no Problema ($\alpha = 0,86$)	0,23**	0,22**	0,06	0,25***
Focalizadas na Emoção ($\alpha = 0,85$)	0,41***	0,40***	0,25***	0,30***
Práticas Religiosas/Pensamento Fantasioso ($\alpha = 0,78$)	0,25**	0,36***	0,12	0,10
Busca de Suporte Social ($\alpha = 0,86$)	0,24***	0,18**	0,27***	0,10

Notas. 1) I = Sugestionabilidade; II = Fantasiosidade; III = Influenciabilidade; IV = Absorção.

2) * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$.

3) Exclusão *pairwise* dos casos *missing*.

A sugestionabilidade apresentou correlações positivas e significativas com todos os tipos de estratégias de enfrentamento de problemas. A maior correlação observada foi com as *estratégias de enfrentamento focalizadas na emoção* ($r = 0,41$; $p \leq 0,001$) e a menor com *estratégias focalizadas no problema* ($r = 0,23$; $p \leq 0,01$).

No que diz respeito às correlações com os fatores da sugestionabilidade, as *estratégias de enfrentamento focalizadas no problema* correlacionaram-se com a *fantasiosidade* ($r = 0,22$; $p \leq 0,01$) e a *absorção* ($r = 0,25$; $p \leq 0,001$). As *estratégias focalizadas na emoção* apresentaram correlações com a *fantasiosidade* ($r = 0,40$; $p \leq 0,001$), a *influenciabilidade* ($r = 0,25$; $p \leq 0,001$) e a *absorção* ($r = 0,30$; $p \leq 0,001$).

As *práticas religiosas / pensamento fantasioso*, correlacionaram-se apenas com a *fantasiosidade* ($r = 0,36$; $p \leq 0,001$). Por fim, na *busca de suporte social* observaram-se correlações com a *fantasiosidade* ($r = 0,18$; $p \leq 0,01$) e a *influenciabilidade* ($r = 0,27$; $p \leq 0,001$).

5.3.2. Sugestionabilidade e Desejabilidade Social

A desejabilidade social foi calculada pela seleção de alguns itens da *Escala de Desejabilidade social* (GOUVEIA et al., 2000). Com base numa análise fatorial exploratória foram selecionados sete itens (01, 02, 03, 04, 10, 11 e 12) por serem aqueles que expressam mais claramente uma tendência a não querer desagradar os demais, o que era justamente o que se gostaria de correlacionar com a sugestionabilidade. A maioria dos itens foi invertida de modo que a maior pontuação reflete uma maior desejabilidade.

Estudos prévios encontraram correlações entre a sugestionabilidade e a desejabilidade social, mas os resultados foram atribuídos ao elevado tamanho da amostra ($n = 333$) e não a uma relação real entre as variáveis (GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999). Para testar essa afirmação, efetuou-se aqui correlações com diversas sub-amostras, aleatoriamente selecionadas por meio da rotina *Select Cases* do *SPSSwin*, de até 30% do total de sujeitos, isto é, a sugestionabilidade foi correlacionada primeiramente com toda a amostra e depois com 70, 50 e 30% da amostra total. Os resultados dessas correlações podem ser vistos na Tabela 7.

Tabela 7- Correlação entre a sugestionabilidade e a desejabilidade social.

Desejabilidade Social ($\alpha = 0,63$)	Sugestionabilidade e seus fatores			
	I	II	III	IV
Amostra Completa (n = $\pm$ 212)	-0,26***	-0,29***	-0,20**	-0,13*
Sub-Amostra com 70% (n = $\pm$ 148)	-0,30***	-0,31***	-0,24**	-0,16*
Sub-Amostra com 50% (n = $\pm$ 106)	-0,30***	-0,33***	-0,25**	-0,13
Sub-Amostra com 35% (n = $\pm$ 63)	-0,30*	-0,33**	-0,18	-0,20

Notas. 1) I = Sugestionabilidade; II = Fantasiosidade; III = Influenciabilidade; IV = Absorção.

2) * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$.

3) Exclusão *pairwise* dos casos *missing*.

Considerando a totalidade da amostra, desejabilidade social correlacionou-se de forma inversa e significativa com a sugestionabilidade ($r = -0,26$; $p \leq 0,001$). Isto deveu-se principalmente às correlações, também nessa mesma direção, que foram estabelecidas com os fatores *fantasiosidade* ($r = -0,29$; $p \leq 0,001$) e *influenciabilidade* ($r = -0,20$; $p \leq 0,01$). Um ponto fundamental a ser destacado é que o padrão correlacional permaneceu semelhante nas diversas sub-amostras, indicando a existência de uma efetiva relação entre ambos os construtos.

5.3.3. Sugestionabilidade e Saúde Mental

Para mensurar a saúde mental foi utilizado o *Questionário de Saúde Geral* de Goldberg (GOUVEIA et al., 2003). A partir de seus fatores foram geradas as variáveis ansiedade, depressão e sentimentos de ineficácia, bem como um indicador geral de saúde mental. Na Tabela 8, a seguir, observam-se suas correlações com a sugestionabilidade.

Tabela 8- Correlação entre a sugestionabilidade e indicadores de saúde/doença mental.

	Sugestionabilidade e seus fatores			
	I	II	III	IV
Ansiedade ($\alpha = 0,66$)	0,26***	0,25***	0,11	0,23***
Depressão ($\alpha = 0,74$)	0,16*	0,15*	0,08	0,12
Ineficácia ($\alpha = 0,78$)	0,20**	0,18**	0,11	0,17**
Saúde Mental Geral ($\alpha = 0,87$)	-0,23***	-0,22***	-0,10	-0,20**

Notas. 1) I = Sugestionabilidade; II = Fantasioidade; III = Influenciabilidade; IV = Absorção.

2) * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$; *** $p \leq 0,001$.

3) Exclusão *pairwise* dos casos *missing*.

De acordo com a tabela, a sugestionabilidade correlacionou-se direta e significativamente com a *ansiedade* ($r = 0,26$; $p \leq 0,001$), a *depressão* ($r = 0,16$; $p \leq 0,05$) e os *sentimentos de ineficácia* ($r = 0,20$; $p \leq 0,01$). Com a saúde mental geral a correlação foi inversamente significativa ($r = -0,23$; $p \leq 0,001$).

A *ansiedade* apresentou correlações com a *fantasioidade* ($r = 0,25$; $p \leq 0,001$) e a *absorção* ($r = 0,23$; $p \leq 0,001$). Em seguida, na *depressão* as correlações foram apenas com a *fantasioidade* ($r = 0,15$; $p \leq 0,05$). Os *sentimentos de ineficácia* correlacionaram-se significativamente com a *fantasioidade* ($r = 0,18$; $p \leq 0,01$) e com a *absorção* ($r = 0,17$; $p \leq 0,01$). Finalmente, o indicador geral de saúde mental apresentou correlações significativas, todas inversas, com a *fantasioidade* ($r = -0,22$; $p \leq 0,001$) e a *absorção* ($r = -0,20$; $p \leq 0,01$).

5.3.4. Sugestionabilidade e Sexo

Para comparar as diferenças de sexo existentes na sugestionabilidade foi utilizada uma análise de variância multivariada (MANOVA) do tipo *One Way*, na qual a variável sexo foi a variável independente e a sugestionabilidade e seus fatores entraram como variáveis dependentes. Os resultados revelaram uma diferença significativa entre o sexo masculino e o feminino (Lambda de Wilks = 0,94; $F = 4,19$; $p < 0,01$). Alguns detalhes dessa análise estão dispostos na tabela 9.

Tabela 9- Comparação de médias na sugestionabilidade entre sexos.

	SEXO				Contrastes	
	Masculino		Feminino		F	<i>p</i>
	M	DP	M	DP		
Sugestionabilidade	1,97	0,56	2,13	0,55	4,41	0,037*
Fantasiosidade	2,12	0,71	2,31	0,76	3,45	0,065
Influenciabilidade	1,54	0,62	1,83	0,66	10,57	0,001*
Absorção	2,32	0,81	2,30	0,72	0,03	0,849

Notas. 1) * Diferença significativa entre as médias.

2) Graus de Liberdade (gl) = 1.

Foram observadas diferenças entre os sexos com relação à sugestionabilidade. O sexo masculino ($M = 1,97$; $DP = 0,56$) apresentou uma média inferior ao sexo feminino ($M = 2,13$; $DP = 0,55$) e esta diferença foi estatisticamente significativa [$F(1) = 4,41$; $p < 0,05$]. Contudo, no que se refere aos fatores específicos, apenas no fator *influenciabilidade* é que foi observada uma diferença significativa [$F(1) = 10,57$; $p \leq 0,001$], em que o sexo masculino ($M = 1,54$; $DP = 0,62$) também apresentou uma média inferior a do sexo feminino ($M = 1,83$; $DP = 0,66$). Tais achados constituem-se numa evidência favorável a uma efetiva

diferenciação quanto a maior magnitude da sugestionabilidade no sexo feminino. Discussões mais detalhadas sobre esse resultado e os demais aqui apresentados são expostas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO VI - DISCUSSÃO

VI – DISCUSSÃO

Esta dissertação teve como objetivo avaliar o construto sugestionabilidade como composto por traços ou fatores intra-sujeito. Ademais, buscou-se identificar como a sugestionabilidade, assim definida, estaria relacionada a variáveis como a desejabilidade social, as estratégias de enfrentamento de problemas, a saúde/doença mental e o sexo. Considerando o que foi apresentado nos capítulos anteriores, sobretudo no capítulo referente aos resultados, é possível depreender que tais objetivos foram satisfatoriamente atingidos.

Este estudo assume especial relevância na medida em que apresenta-se como uma das primeiras iniciativas, no contexto brasileiro, a discutir mais diretamente o fenômeno da sugestionabilidade. Buscou-se neste trabalho não apenas apresentar o estado da arte deste construto, como também intentou-se colaborar com o campo, mesmo que modestamente, oferecendo novas evidências empíricas.

Apesar disso, o estudo não está isento de limitações, as quais também devem ser aqui destacadas. Uma delas é a amostra considerada, a qual se restringiu à estudantes universitários. Essa é uma parcela da população com características bastante peculiares, o que por si só já implicaria na restrição de generalizações. Estudos ulteriores deveriam considerar amostras da população geral, aumentando assim o poder de generalização das evidências encontradas.

Outro ponto a ser destacado é a definição adotada de sugestionabilidade. No processo de operacionalização foram utilizadas algumas variáveis intra-sujeito para definir e mensurar a sugestionabilidade (*fantasiosidade, influenciabilidade, absorção e implicação emocional*), não obstante, além da *implicação emocional* não ter

composto a versão final da adaptação do *Inventário Sugestionabilidade*, ainda seria possível a consideração de outras variáveis como, por exemplo, a *propensão à imaginação*, a *focalização da atenção*, *habilidade para relaxar* e a *flexibilidade cognitiva*, que poderiam contribuir para a constituição de uma compreensão mais abrangente da sugestionabilidade definida como um traço. Apesar de mencionar tais variáveis, Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999) não as consideram em seu *Inventário de Sugestionabilidade*. Seria interessante que em estudos futuros esse inventário fosse ampliado nesse sentido.

Neste capítulo serão discutidos os principais achados desta pesquisa. No próximo tópico serão tecidas considerações acerca do *Inventário de Sugestionabilidade*, instrumento central deste trabalho. Em seguida, discutir-se-ão os correlatos entre a sugestionabilidade e as outras variáveis aqui selecionadas (desejabilidade social, estratégias de enfrentamento, saúde/doença mental e sexo). Por fim, comentar-se-á a respeito da aplicabilidade e da possibilidade de estudos futuros.

6.1. A Sugestionabilidade e Suas Características: o *Inventário de Sugestionabilidade*

Assumiu-se, neste estudo, um conceito multifatorial de sugestionabilidade. Segundo este conceito, os indivíduos altamente sugestionáveis são caracterizados como sendo pessoas que fantasiam com mais facilidade; são mais propensas a serem influenciadas por outras pessoas; bem como, são também hábeis para concentrarem-se em seus pensamentos. A operacionalização dessa definição foi

efetuada com o desenvolvimento do *Inventário de Sugestionabilidade* (GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999), que foi aqui validado para um contexto brasileiro.

Na validação efetuada neste estudo, o instrumento em questão demonstrou uma estrutura fatorial similar, mas não idêntica, àquela apresentada na sua versão original. Constatou-se a emergência de três dos quatro fatores esperados (*fantasiosidade*, *influenciabilidade*, *absorção* e *implicação emocional*). Esta é, justamente, uma restrição da versão que foi aqui adaptada. O fator *implicação emocional* estava composto originalmente por itens que ao terem analisados o seu poder discriminativo foram excluídos e os itens restantes não foram suficientes para compor um fator. Há necessidade de, em estudos futuros, elaborar mais itens que visem representar melhor o construto da *implicação emocional*.

Apesar da exclusão desse fator, o modelo multifatorial testado para o *Inventário de Sugestionabilidade* apresentou índices de adequação de ajuste bastante adequados, o que atesta a validade de construto deste instrumento. Além disso, a consistência interna (Alfa de Cronbach) para o conjunto total de itens que compuseram a versão adaptada foi de 0,83. Especificamente, observou no fator *fantasiosidade* uma consistência interna de 0,71; no fator *influenciabilidade* o valor foi de 0,69; e, finalmente, o fator *absorção* teve uma consistência interna da ordem de 0,76. Esses valores foram satisfatórios e similares aos apresentados na versão original do inventário (ver tópico 4.2).

De modo geral, com base no que foi exposto, pode-se afirmar que o *Inventário de sugestionabilidade* mostrou-se preciso e profícuo para medir o que se propõe. Ademais, reúne outras qualidades, tais como: ser uma medida de auto-informe econômica, fácil e rápida para ser aplicada; permiti a aplicação coletiva, o que é de grande praticidade, sobretudo quando se considera que boa parte de

outros instrumentos que avaliam a sugestionabilidade, demanda uma aplicação necessariamente individual (GONZÁLES-ORDI, 1999); e, medir a sugestionabilidade com base em situações do cotidiano, sem estar restrita a alguma situação específica, como, por exemplo, ao contexto da hipnose ou de interrogatórios policiais (vide Capítulo I). Tais razões respaldam a utilização dessa medida com fins de pesquisa. A seguir, serão discutidas as relações observadas entre a sugestionabilidade e as outras variáveis aqui selecionadas.

6.2. Sugestionabilidade: Suas Correlações com outras Variáveis

6.2.1. Sugestionabilidade e Desejabilidade Social

Num primeiro momento, ao hipotetizar sobre a possível relação entre a sugestionabilidade e a desejabilidade social esperava-se encontrar correlações positivas entre os dois construtos. Não seria absurdo supor que pessoas com maior desejabilidade fossem também mais sugestionáveis e vice-versa. Em seu estudo, Gonzáles-Ordi e Miguel Tobal (1999), baseados nessa mesma suposição, atribuíram as correlações negativas e significativas que encontraram entre esses dois construtos ao tamanho da amostra que utilizaram, a qual, por se tratar de uma amostra grande ($n = 333$), teria provocado a ocorrência das correlações.

Os resultados da presente dissertação contradizem essa conclusão. O mesmo padrão de correlações que eles encontraram foi aqui observado. E não só na amostra total ($n = 224$), mas em diversas sub-amostras selecionadas aleatoriamente de até 30% da quantidade total de participantes ($n = 57$), o que evidencia que as correlações não se deveram unicamente ao elevado tamanho

amostral. Mas, então, como explicar esses resultados que se apresentaram consistentemente?

Uma possível explicação psicológica para o padrão correlacional encontrado poderia ser atribuída ao caráter volitivo e de automatismo da desejabilidade social e da sugestionabilidade, respectivamente. A desejabilidade é uma tendência que passa pelo crivo da deliberação. Grande parte dos comportamentos advindos dessa tendência são deliberados antes de serem emitidos. Os comportamentos oriundos da sugestionabilidade seriam mais automáticos, menos conscientes ou deliberados.

Neste sentido, uma pessoa que tenha uma alta desejabilidade, necessariamente, cede aos outros pela via de seu próprio consentimento. Ela pode, inclusive, fazer algo que não queria, com a qual não concorde, simplesmente por preferir não gerar discordância e, conseqüentemente, correr o risco da desaprovação social. Uma pessoa sugestionável, por outro lado, faz do posicionamento alheio o seu próprio. Ela convence-se, aceita os motivos, interesses e posicionamentos alheios como se fossem os seus próprios. Em outras palavras, a alta desejabilidade faz com que o indivíduo aja no sentido de “agradar”, mesmo que isso, eventualmente, possa desagradá-lo. Já a sugestionabilidade atua fazendo com que o sujeito assuma o posicionamento alheio, acomodando-se cognitivamente nesta direção.

Quando se leva em conta o interesse em agradar, um indivíduo pondera, consente e cede a outrem e é improvável que isso ocorra de modo automático, sem que tenha ocorrido uma deliberação. De maneira diversa, quando se cede pronta e automaticamente, assumindo de imediato um posicionamento alheio, é menos provável que isso se deva, em um primeiro momento, a algum interesse ou compromisso intrínseco de agradar o outro. Conseqüentemente, quanto mais um

indivíduo for sugestionável menos provável será que ele apresente uma alta desejabilidade e, vice-versa.

6.2.2. Sugestionabilidade e Estratégias de Enfrentamento (*Coping*)

Como foi comentado no Capítulo III, as estratégias de enfrentamento (*coping*) são um conjunto de respostas específicas para lidar com determinada situação estressora (FOLKMAN; LAZARUS, 1980). Observou-se nos resultados que todas as estratégias de enfrentamento estiveram correlacionadas diretamente com a sugestionabilidade. Por que essas diferentes respostas à estímulos estressores estariam associadas à sugestionabilidade?

Uma possível resposta pode ser dada tendo-se em conta que a sugestionabilidade, tal como aqui definida em termos de fatores como *fantasiosidade*, *influenciabilidade* e *absorção*, oferece uma base cognitiva, com elementos cognitivos relevantes, para a execução das diversas estratégias de enfrentamento.

Apesar da relação com todas as estratégias de enfrentamento, observou-se maior correlação com as estratégias focalizadas na emoção. Especificamente, nos fatores da sugestionabilidade, também foram observadas as maiores correlações com essa estratégia. É possível que os fatores *fantasiosidade*, *influenciabilidade* e *absorção* tenham um impacto maior na formação e/ou regulação de emoções. Nesses termos, ao que parece, a sugestionabilidade tem um papel mais relevante quando se adotam estratégias focalizadas da emoção. Estudos anteriores também ofereceram evidências nessa direção (HOWARD; HONG, 2002).

A partir dos resultados encontrados no presente estudo, é cabível propor a hipótese de que a sugestionabilidade seria uma variável moderadora no processo do enfrentamento de problemas (*coping*). Considerando o que comentam Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998), os moderadores do *coping* corresponderiam às características da pessoa, do estressor, do contexto e às interações entre esses fatores. No caso da sugestionabilidade, ela é uma variável que reflete uma característica ou um traço anterior das pessoas, que afetaria o resultado do *coping*. Os fatores da sugestionabilidade poderiam, por exemplo, atuar sobre a avaliação cognitiva e o desenvolvimento da atenção (que são ativados no momento do enfrentamento), variáveis fundamentais no processo de enfrentamento de um problema.

6.2.3. Sugestionabilidade e Saúde/Doença Mental

A saúde e a doença mental são conceitos complexos. Embora este estudo tenha utilizado esses rótulos, ele não pretendeu abranger toda a dimensão desses conceitos. Deve-se lembrar que para a composição do indicador de saúde mental foram utilizados os fatores *ansiedade*, *depressão* e *sentimentos de ineficácia*, tais como medidos pelo *Questionário de Saúde Geral (QSG 12)* (GOUVEIA et al, 2003).

Os resultados demonstraram que a sugestionabilidade esteve associada a menores índices de saúde mental. Este achado alinha-se com os resultados de pesquisas anteriores (GONZÁLES-ORDI; MIGUEL-TOBAL, 1999). Especificamente, pessoas mais sugestionáveis tendem a ser mais ansiosas, apresentar sintomas depressivos e ter mais sentimentos de ineficiência.

Apesar dos outros fatores terem apresentado correlações significativas com alguns dos indicadores de saúde mental, foi o fator *fantasiosidade* o que mais se destacou, sendo aquele que reuniu as maiores e mais significativas correlações com todos os indicadores. Uma maior propensão à fantasia poderia favorecer um aumento no fluxo de pensamentos disfuncionais, o que promoveria um agravamento de um quadro psicopatológico.

Essas evidências reforçam a hipótese de que a sugestionabilidade assume um papel de variável moderadora para explicação de distúrbios mentais. Ela pode afetar a intensidade da relação entre estímulos ou eventos que contribuam para a formação de algum transtorno e as respostas do sujeito a tais estímulos.

Deve-se, não obstante, assinalar que a amostra usada neste estudo não foi uma amostra clínica. Conclusões mais decisivas a respeito da relação sugestionabilidade e saúde mental demandariam estudos mais aprofundados, notadamente utilizando a comparação de amostras clínicas e não-clínicas.

A análise da sugestionabilidade e seus impactos sobre a saúde mental parece promissora. Mais estudos deveriam ser conduzidos para avaliarem melhor como a sugestionabilidade poderia contribuir no desenvolvimento de psicopatologias, bem como de que modo ela poderia ser manejada para auxiliar em programas de tratamento.

6.2.4. Sugestionabilidade e Sexo

Inicialmente, convém diferenciar rapidamente gênero e sexo. O conceito de gênero difere do de sexo na medida em que o primeiro é mais ligado a aspectos

sociais, aos papéis sexuais convencionados e assumidos pelos indivíduos, e o segundo é mais direcionado à esfera fisiológica.

Não obstante, apesar do interesse deste estudo estar voltado para as implicações entre a sugestionabilidade e os papéis sexuais assumidos (isto é, o gênero), o que foi perguntado aos participantes foi o seu sexo. Um exame mais acurado da identificação do gênero fugiria do escopo deste trabalho e, por isso, não foi procedido. Além disso, não é implausível supor que, na maioria dos casos, o sexo coincida com o seu gênero correspondente, sendo os casos de incongruência uma exceção e não a regra.

Assumiu-se, portanto, que possíveis diferenças na intensidade da sugestionabilidade entre homens e mulheres poderiam estar vinculadas não tanto a diferenças de ordem biológica, mas principalmente a diferenciações quanto a aspectos sociais que os peculiarizam. Os dados demonstraram justamente que homens e mulheres diferiram quanto à magnitude média de sugestionabilidade, tendo as mulheres se mostrado mais sugestionáveis. Em análise semelhante na Espanha, Gonzáles-Ordi e Miguel-Tobal (1999) também observaram uma superioridade na média das mulheres no *Inventário de Sugestionabilidade*.

Particularmente, com relação aos fatores, os autores supracitados encontraram diferenças significativas em todos, com exceção do fator absorção. Nos dados da presente dissertação, em todos os fatores, com exceção do fator *absorção*, as mulheres obtiveram uma média numericamente maior que a dos homens, embora apenas no fator *influenciabilidade* a diferença tenha sido estatisticamente significativa.

Os resultados demonstrados parecem reforçar a hipótese de uma diferenciação da sugestionabilidade entre homens e mulheres. Os diferentes

contextos de socialização promovem o desenvolvimento de padrões comportamentais e cognitivos que permitiriam a manifestação de uma maior sugestionabilidade. Não se deve, contudo, tomar os resultados como definitivos. Estudos em outros contextos culturais e com amostras não restritas a estudantes universitários forneceriam maior confiabilidade para a proposição de conclusões mais seguras.

6.3. Aplicabilidade do Estudo

Esta dissertação compreendeu uma pesquisa eminentemente básica, muito embora possa ter repercussões práticas. Primeiramente, espera-se que ela atue como sinalizadora para a necessidade de uma maior atenção sobre a temática da sugestionabilidade, bem como da hipnose. Esse é um tema profusamente difundido e que, freqüentemente, chama a atenção da população leiga. Consiste em algo facilmente vinculado à Psicologia, mas que tem recebido pouca atenção quando da formação dos psicólogos. Esse tema teve altos e baixos ao longo da história. Muitos preconceitos foram desenvolvidos pelas recorrentes vinculações, baseadas em especulações desprovidas de qualquer evidência empírica deste tema com supostos fenômenos sobrenaturais. E até o movimento natural da prioridade das agendas de pesquisa no campo da Psicologia podem ser apontados como os responsáveis pelo desinteresse em explorá-lo mais assiduamente. Espera-se que este trabalho seja um motivador para outros semelhantes e que também despertem o interesse pela exploração científica e acadêmica do tema.

A hipnose vem se tornando uma prática cada vez mais comum no contexto brasileiro, principalmente após a sua regulamentação como adjutório terapêutico

pelos Conselhos Federais de Psicologia e Medicina (CFP, Resolução n. 13/00; CFM, Processo n. 42/99). São freqüentes anúncios de palestras, cursos de treinamento e formação para a prática da hipnose. Muitas vezes esses cursos quando não carecem de adequação do ponto de vista teórico, apresentam recorrentemente explicações obsoletas para o fenômeno da hipnose. Apesar disso, não há ainda um interesse acadêmico manifesto e organizado sobre o tema, o que, inclusive, dificulta uma regulação mais adequada desses serviços prestados.

De um modo geral, o estudo específico sobre a variável sugestionabilidade ainda é modesto, apesar de ter crescido nos últimos anos. Não obstante, no Brasil, ele ainda permanece incipiente. Isso indica, de imediato, uma lacuna a ser preenchida no âmbito acadêmico brasileiro, isto é, aponta para a necessidade de haver no Brasil linhas de pesquisa dedicadas ao estudo da sugestionabilidade, bem como ao da hipnose. Concomitantemente, isso chama a atenção para a importância das agências de fomento investirem sobretudo na qualificação pessoal, formando pesquisadores brasileiros interessando nesta temática.

Outra aplicação prática decorrente deste estudo seria ainda a avaliação da sugestionabilidade com fins diagnósticos. Como ela é um critério diagnóstico ou está relacionada a alguns transtornos mentais (ver Capítulo III), a adequação do *Inventário de Sugestionabilidade* seria interessante por atender à finalidade de diagnose clínica, sobretudo por ele avaliar o construto em questão em situações cotidianas, o que poderia ser bem mais útil para o referido fim.

Estudos baseados em amostras mais amplas serão úteis para a construção de normas diagnósticas. Em uma seqüência convencional, após o diagnóstico de algum transtorno mental, segue-se o seu tratamento. A despeito das poucas evidências, a sugestionabilidade deveria ser tida como variável a ser manejada no

trato de alguns distúrbios mentais, tais como os transtornos dissociativos de personalidade, o transtorno de personalidade limítrofe e os transtornos somatoformes. Não obstante, uma prática terapêutica nesta direção ainda aguarda análises mais cuidadosas.

6.4. Considerações Finais

Escrever sobre essa temática foi, ao mesmo tempo, instigante e desafiador. Uma das dificuldades mais prementes foi a própria escassez de material bibliográfico aqui no Brasil. Os livros sobre sugestão e sugestionabilidade são praticamente inexistentes e o acesso a periódicos científicos sobre a temática ainda é limitado. Não há ainda no Brasil disponibilidade de revistas especializadas sobre o assunto (como, por exemplo, o *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, o *American Journal of Clinical Hypnosis* e o *British Journal of Medical Hypnotism*) uma vez que estas ainda não figuram na lista dos periódicos disponibilizados no portal de *Periódicos Capes*, do Ministério da Educação.

Convém ainda dizer que todo o material bibliográfico de qualidade que foi encontrado ou estava em língua estrangeira ou eram traduções de obras internacionais, inexistindo praticamente uma literatura nacional consistente sobre a temática em questão. Essa dificuldade em conseguir material fez com que algumas obras importantes fossem apresentadas como citações de segunda ordem (isto é, citação de citação).

Embora muitas sugestões de estudos já tenham sido formuladas ao longo deste capítulo, uma mais seria interessante de ser registrada. Sabe-se que existem diversas variáveis ou fatores intra-sujeito que podem ser usados para definir a

sugestionabilidade enquanto um traço (*por exemplo, fantasiosidade, influenciabilidade, implicação emocional, absorção*). Seria, neste caso, interessante identificar quais desses diferentes descritores da sugestionabilidade enquanto traço estariam associados com outros tipos de sugestionabilidade, como a hipnótica, a imaginativa, a moral, a interrogativa e a sensorial. Apenas com uma definição da sugestionabilidade abrangendo o maior número de descritores seria possível fazer um mapeamento de características intra-sujeito associadas a outros tipos de sugestionabilidade.

Conclusivamente, espera-se que este trabalho tenha podido contribuir, apesar de modestamente, com o campo teórico do estudo da sugestionabilidade aqui no Brasil. Bem como espera-se, principalmente, que ele fomente o desenvolvimento de estudos futuros que permitam avanços no sentido de melhor definir e esclarecer a natureza do construto sugestionabilidade como variável psicológica.

CAPÍTULO VII - REFERÊNCIAS

VII – REFERÊNCIAS

- ABE, K.; SUZUKI, T. Functional visual loss in childhood and suggestibility. **Clinical Child Psychology and Psychiatric**, v. 5, n. 2, p. 239-246, 2000.
- ÁLVARO-ESTRAMIANA, J. L. **Psicologia social: Perspectivas teóricas y metodológicas**. Madri: Siglo Veintiuno, 1995.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-IV Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de *coping* : Uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 273-294, 1998.
- BELLIBONI, N. As possibilidades da hipnose em dermatologia. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, v. 4, n. 1/2, p. 147-164, 1958.
- BISQUERRA, R.; SARRIERA, J. C.; MARTÍNEZ, F. **Introdução à estatística – um enfoque informático com o pacote estatístico SPSS**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BLANCO, A. **Cinco tradiciones en la psicología social**. Madri: Morata, 1988.
- BRAFFMAN, W.; KIRSCH, I. Imaginative suggestibility and hypnotizability: An empirical analysis. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 77, p. 578-587, 1999.
- BRAINERD, C. J.; REYNA, V. F. Autosuggestibility in memory development. **Cognitive Psychology**, v. 28, p. 65-101, 1995.
- BROWNE, M. W.; CUDECK, R. Alternative ways of assessing model fit. In: BOLLEN, K. A.; LONG, J. S. **Testing structural equation models**. Newbury Park, C.A.: Sage, 1993. p.136-162.
- BYRNE, B. M. **A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models**. New York: Springer-Verlag, 1989.
- CAMARA, F. P. Hipnose e psiquiatria. **Insight Psicoterapia**, v. 64, n. 6, p. 17-20, 1996.
- CAMARA, F. P. Neurofisiologia da hipnose e estados correlatos. **Insight Psicoterapia**, v. 76, n. 7, p. 16-19, 1997.
- CAMARA, F. P. Hipnose como tratamento psicoterápico integrado ao tratamento psicofarmacológico. **Insight Psicoterapia**, v. 84, n. 8, p. 26-28, 1998.
- CANGAS DÍAZ, A.; ALVAREZ, M. P. Transformation of instructions into suggestions using operant procedures. **Psychology in Spain**, v. 2, n. 1, p. 87-91, 1998.

CECI, S. J.; BRUCK, M. Suggestibility of the child witness: A historical review and synthesis. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 3, p. 403-439, 1993.

CONN, S. R.; RIEKE, M. L. **16PF fifth edition - technical manual**. Champaign, IL: Institute for Personality and Ability Testing, 1994.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Processo n. 42/99**. Brasília – DF, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Resolução n. 13/00**. Brasília – DF, 2000.

COZBY, P. C. **Métodos e pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

CROWNE, D.P.; MARLOWE, D. A new scale of social desirability independent of psychopathology. **Journal of Consulting Psychology**, v. 24, p. 349-354, 1960.

DAUVEN, J. **Os poderes da hipnose**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977.

DIAS, M. G. B. B.; SALTZSTEIN, S. D.; MILLERY, M. Raciocínio moral em interação social: Um estudo sobre sugestionabilidade. **Estudos de Psicologia**, v. 4, n. 2, 199-219, 1999.

ERICKSON, M. H.; HERSHMAN, S.; SECTER, I. I. **Hipnose médica e odontológica – Aplicações práticas**. Campinas: Editorial Psy, 1998.

FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. An analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of Health and Social Behavior**, v. 21, p. 219-239, 1980.

FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1921), 1980.

GHEORGHIIUA, V. A.; POLCZYK, R.; KAPPELLER, C. The Warmth Suggestibility Scale – A procedure for measuring the influence of suggestion on warmth sensations. **Personality and Individual Differences**, v. 34, p. 219-231, 2003.

GONZÁLEZ-ORDI, H. **Sugestionabilidad e hypnosis: Aspectos cognitivo-subjetivos y psicofisiológicos**. 1999. 526f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicología, Universidade Complutense de Madrid, Madrid. 1999.

GONZÁLES-ORDI, H.; MIGUEL-TOBAL, J. J. Características de la sugestionabilidad y su relación con otras variables psicológicas. **Anales de Psicología**, v. 15, p. 57-75, 1999.

GORASSINI, D. R.; SPANOS, N. P. A social-cognitive skills approach to the successful modification of hypnotic susceptibility. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, n. 5, p. 1004-1012, 1986.

GOUVEIA, V.V.; SILVA FILHO, S.; VASCONCELOS, T. C.; QUERIOGA, F. E; SCHNEIDER, J. O. Escala de desejabilidade social: Validade de construto e preditiva. In: ENCONTRO MINEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, 5, 2000, Belo Horizonte. **Anais do V Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica (Trabalhos Completos)**. Belo Horizonte, 2000, v. 1, p. 135-137.

GOUVEIA, V. V.; CHAVES, S. S. S.; OLIVEIRA, I. C. P.; DIAS, M. R.; GOUVEIA, R. S. V.; ANDRADE, P. R. A utilização do QSG - 12 na população geral: Estudo de sua validade de construto. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 19, p. 241-248, 2003.

GUDJONSSON, G. H. A new scale of interrogative suggestibility. **Personal and Individual Differences**, v. 5, p. 303-314, 1984.

GUDJONSSON, G. H. Interrogative suggestibility: Factor analysis of Gudjonsson Suggestibility Scale (GGS2). **Personal and Individual Differences**, v. 13, n. 4, p. 479-481, 1992.

HOMAR, G. M.; SÁEZ, L. M. G. **Evaluación de la sugestionabilidad**. 2004. Disponível em: <<http://www.cop.es>>. Acesso em: 23 de novembro de 2005.

HOWARD, R.; HONG, N. S. Effects of coping style on interrogative suggestibility. **Personality and Individual Differences**, v. 33, p. 479-485, 2002.

HULL, C. L. **Hypnosis and suggestibility: An experimental approach**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1933.

KIRSCH, I. Hypnosis and placebos: Response expectancy as a mediator of suggestion effects. **Anales de Psicología**, v. 15, p. 99-110, 1999.

KIRSCH, I.; LYNN, S. J. The altered state of hypnosis: Changes in the theoretical landscape. **American Psychologist**, v. 50, p. 846-858, 1995.

MATOS, E. G.; MATOS, T. M. G.; MATOS, G. M. G. Histeria: Uma revisão crítica e histórica do seu conceito. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 54, n. 1, p. 49-56, 2005.

MELLO, P.; ARRUDA, P. C. V. Mecanismos neuropsico-fisiológicos da hipnose. **Mudanças**, v. 8 n. 14, p. 117-152, 2000.

MORENO, M. I. C.; GARCÍA, M. I. D.; PAREJA, M. A. V. Cognitive factors in chronic pain. **Psychology in Spain**, v. 3, n. 1, p. 75-87, 1999.

O'CONNOR, B. SPSS and SAS programs for determining the number of components using parallel analysis and Velicer's MAP test. **Behavior Research Methods, Instruments & Computers**, v. 32, n. 3, p. 396-402, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **CID-10 Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. 10 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

PASQUALI, L. **Psicometria: Teoria e aplicações**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

PASQUALI, L. **Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração**. Brasília: LabPAM, 1999.

PASSOS, A. C. M. Do mesmerismo à hipnologia e ao sono prolongado sugerido. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, v. 3, n. 2, p. 167-192, 1957a.

PASSOS, A. C. M. Aspectos do desenvolvimento da hipnose em São Paulo. **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, v. 3, n. 3/4, p. 541-546, 1957b.

PICCIONE C.; HILGARD, E. R.; ZIMBARDO, P. G. On the degree of stability of measured hypnotizability over a 25-year period. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 56, n. 2, p. 289-295, 1989.

PÖLL, W. **A sugestão**. São Paulo: Edições Paulinas, 1962.

REISE, S. P.; WALLER, N. G.; COMREY, A. L. Factor analysis and scale revision. **Psychological Assessment**, v. 12, n. 3, p. 287-297, 2000.

RHEE, E.; ULEMAN, J. S.; LEE, H. K. Variations in collectivism and individualism by ingroup and culture: Confirmatory factor analysis. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 71, n. 5, p. 1037-1054, 1996.

ROS, M.; GOUVEIA, V. V. Validez de los modelos transculturales sobre los valores. In: ROS, M.; GOUVEIA, V. V. **Psicología social de los valores humanos: Desarrollos teóricos, metodológicos y aplicados**. Madri: Biblioteca Nueva, 2000. p. 173-193.

SALTZSTEIN, H.; DIAS, M. G.; MILLERY, M. Moral suggestibility: The complex interaction of developmental, cultural and contextual factors. **Applied Cognitive Psychology**, v. 18, p. 1079-1096, 2004.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SEIDL, E. M. F.; TROCCOLI, B. T.; ZANNON, C. M. C. Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, p. 225-234, 2001.

SHROUT, R. N. **Hipnose científica moderna**. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

SHULTZ, K.S.; CHÁVEZ, D.V. The reliability and structure of a social desirability scale in English and in Spanish. **Educational and Psychological Measurement**, v. 54, p. 935-940, 1994.

SIDIS, B. **The psychology of suggestion**. New York: D. Appleton and Company, 1898.

SIGHELE, S. **A multidão criminosa: Ensaio de psicologia colectiva**. Rio de Janeiro: Organizações Simões (Originalmente publicado em 1891), 1954.

SILVA, C. E.; KIRSCH, I. Interpretive sets, expectancy, fantasy proneness, and dissociation as predictors of hypnotic response. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 63, n. 5, p. 847-856, 1992.

STEIN, L. M.; NEUFELD, C. B. Falsas memórias: Por que lembramos de coisas que não aconteceram? **Arquivos de Ciências da Saúde Unipar**, v. 5, n. 2, p. 179-185, 2001.

STEIN, L. M.; PERGHER, G. M. Criando falsas memórias em adultos por meio de palavras associadas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, p. 353-366, 2001.

TURNER, J. C. El campo de la psicología social. In: MORALES, J. F. **Psicologia social**. Madri: McGraw-Hill, 1994. p. 3-21.

WEITZENHOFFER, A. M. Hypnotic susceptibility revisited. **American Journal of Clinical Hypnosis**, v. 22, p. 130-146, 1980.

WIDMAR, S. Hipnose: Sua atualidade terapêutica. **Informação Psiquiátrica**, v. 4, n. 7, p. 126-128, 1988.

CAPÍTULO VIII - ANEXOS

VIII – ANEXOS

Anexo I – Folha de Apresentação da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

Estamos realizando uma pesquisa sobre assuntos do cotidiano, como as pessoas pensam e se comportam. A fim de conhecer melhor o funcionamento cognitivo e a realidade social, gostaríamos de saber sua opinião sobre algumas temáticas. Este estudo é uma atividade do Programa de Mestrado em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Roazzi e de responsabilidade de Marcilio Lira de Souza Filho.

Gostaríamos, portanto, de contar com sua colaboração. Nas próximas páginas você encontrará algumas questões que dizem respeito a como você pensa e se comporta. Não existem respostas certas ou erradas, apenas expresse o que pensa da maneira mais sincera possível, sem deixar nenhuma questão em branco. É muito importante que você RESPONDA A TODAS AS PERGUNTAS. Não é necessário se identificar, suas respostas, portanto, serão preservadas em sigilo e serão apenas consideradas no conjunto dos participantes da pesquisa.

Desde já agradecemos enormemente toda atenção e colaboração que possam dar a esta solicitação. Nossas referências poderão ser obtidas consultando o *Curriculum Lattes* dos pesquisadores ([http:// www.cnpq.br](http://www.cnpq.br)).

Anexo II – Inventário de Sugestionabilidade

INSTRUÇÃO. Alguns comportamentos são mais típicos de umas pessoas que de outras, sem que isso necessariamente implique algo de bom ou de ruim. Gostaríamos de saber, com relação a você especificamente, com que frequência as situações ou comportamentos que aparecem a seguir caracterizam seu modo de ser. Considerando a escala ao lado de cada afirmação, assinale um número que expressa mais adequadamente sua resposta.

0 Quase Nunca	1 Raramente	2 Às vezes	3 Frequentemente	4 Quase Sempre	
01. A opinião dos demais conta muito para mim.	0	1	2	3	4
02. Posso imaginar coisas de forma clara e nítida.	0	1	2	3	4
03. Deixo-me levar pelos demais.	0	1	2	3	4
04. É fácil para mim contagiar-me com o estado de ânimo dos outros.	0	1	2	3	4
05. Sou uma pessoa sugestionável.	0	1	2	3	4
06. Tenho idéias ou pensamentos sugestionáveis.	0	1	2	3	4
07. Em geral os filmes de terror me assustam.	0	1	2	3	4
08. Quando me concentro em algo fico completamente absorvido.	0	1	2	3	4
09. Sou uma pessoa impressionável.	0	1	2	3	4
10. Quando me concentro em meus pensamentos, facilmente perco a noção de tempo.	0	1	2	3	4
11. Quando escuto a música que gosto, deixo-me levar por ela até um ponto em que me desligo das coisas a minha volta.	0	1	2	3	4
12. O som de uma voz pode ser tão fascinante para mim que posso continuar escutando-a e esquecer-me do que me rodeia.	0	1	2	3	4
13. Tenho facilidade para concentrar-me nas tarefas que estou fazendo.	0	1	2	3	4
14. Ao ver um filme, um programa de TV ou uma peça de teatro posso chegar a ficar tão implicado(a) que acabo esquecendo de mim mesmo(a) e volto-me tão completamente que experimento a trama como se ela fosse real e eu tomasse parte dela.	0	1	2	3	4
15. Posso recordar certas experiências passadas de minha vida com tanta clareza e realismo, que é como se estivesse vivendo-os outra vez.	0	1	2	3	4
16. Fantasio sobre as coisas que aconteceram Ou que gostaria que tivessem acontecido.	0	1	2	3	4
17. Sonho acordado(a).	0	1	2	3	4
18. Os filmes dramáticos me fazer chorar facilmente.	0	1	2	3	4
19. Mudo de opinião com facilidade.	0	1	2	3	4
20. Tendo a crer no que me dizem os demais.	0	1	2	3	4
21. Há pessoas que me fascinam no primeiro olhar.	0	1	2	3	4
22. Deixo que determinadas pessoas influam sobre mim mais do que considero conveniente.	0	1	2	3	4

Anexo III – Escala de Desejabilidade Social

INSTRUÇÃO. Gostaríamos de saber com que frequência as situações ou comportamentos que aparecem a seguir lhe caracterizam. Tomando por base a escala ao lado de cada afirmação, assinale um número que expressa mais adequadamente seu modo de ser.

1 Nunca	2 Raramente	3 Às vezes	4 Freqüentemente	5 Sempre
--------------------------	------------------------------	-----------------------------	-----------------------------------	---------------------------

01. Estou disposto a ajudar as pessoas.	1	2	3	4	5
02. Faço coisas que ferem os sentimentos dos demais.	1	2	3	4	5
03. Faço observações tolas, a modo de brincadeira, Para surpreender aos demais.	1	2	3	4	5
04. Posso enganar as pessoas sendo amável quando na realidade me desagradam.	1	2	3	4	5
05. Tenho períodos de tempo em que é difícil deixar de sentir pena de mim mesmo.	1	2	3	4	5
06. Deixo que pequenas coisas me perturbem mais do que deveriam.	1	2	3	4	5
07. Prefiro afastar-me em vez de perdoar e esquecer.	1	2	3	4	5
08. As pessoas me tratam menos razoavelmente do que merecem minhas boas intenções.	1	2	3	4	5
09. Sinto-me insatisfeito comigo mesmo.	1	2	3	4	5
10. Faço comentários brincalhões e sarcásticos às pessoas quando creio que merecem.	1	2	3	4	5
11. Quando me pedem que faça uma tarefa voluntária digo que estou demasiado ocupado.	1	2	3	4	5
12. Aproveito-me das pessoas.	1	2	3	4	5

Anexo IV – Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP)

INSTRUÇÃO. As pessoas reagem de diferentes maneiras a situações difíceis ou estressantes. Pense em uma situação ou problema **atual** que esteja produzindo estresse para você. Escreva aqui esta situação ou problema: _____.

Para responder ao questionário, tenha em mente as coisas que você faz, pensa ou sente para enfrentar esta condição, no momento atual. Lembre-se que não há respostas certas ou erradas. Você deve assinalar a alternativa que corresponde melhor ao que você está fazendo para enfrentar o seu problema. Utilize a escala de resposta abaixo.

1 Eu Nunca Faço Isso	2 Eu Faço Isso um Pouco	3 Eu Faço Isso Às Vezes	4 Eu Faço Isso Muito	5 Eu Faço Isso Sempre
---	--	--	---	--

01. Eu digo a mim mesmo o quanto já consegui.	1	2	3	4	5
02. Eu sairei dessa experiência melhor do que entrei nela.	1	2	3	4	5
03. Eu tento não fechar portas atrás de mim. Tento deixar em aberto várias saídas para o problema.	1	2	3	4	5
04. Encaro a situação por etapas, fazendo uma coisa de cada vez.	1	2	3	4	5
05. Eu levo em conta o lado positivo das coisas.	1	2	3	4	5
06. Mudo alguma coisa para que as coisas acabem dando certo.	1	2	3	4	5
07. Estou mudando, me tornando uma pessoa mais experiente.	1	2	3	4	5
08. Eu tento não agir tão precipitadamente ou seguir minha primeira idéia.	1	2	3	4	5
09. Eu fiz um plano de ação para resolver o meu problema e o estou cumprindo.	1	2	3	4	5
10. Eu sei o que deve ser feito e estou aumentando Meus esforços para ser bem sucedido.	1	2	3	4	5
11. Eu me concentro nas coisas boas da minha vida.	1	2	3	4	5
12. Eu insisto e luto pelo que eu quero.	1	2	3	4	5
13. Eu me concentro em alguma coisa boa que pode ver dessa situação.	1	2	3	4	5
14. Tento ser uma pessoa forte e otimista.	1	2	3	4	5
15. Eu fico me lembrando que as coisas poderiam ser piores.	1	2	3	4	5
16. Aceito a simpatia e a compressão de alguém.	1	2	3	4	5
17. Encontro diferentes soluções para o meu problema.	1	2	3	4	5
18. Eu tento evitar que os meus sentimentos atrapalhem em outras coisas na minha vida.	1	2	3	4	5
19. Eu culpo os outros.	1	2	3	4	5
20. Demonstro raiva para as pessoas que causaram o problema.	1	2	3	4	5
21. Desconto em outras pessoas.	1	2	3	4	5
22. Eu acho que as pessoas foram injustas comigo.	1	2	3	4	5
23. Penso em coisas fantásticas ou irreais (como uma vingança perfeita ou achar muito dinheiro)					

que me fazem sentir melhor.	1	2	3	4	5
24. Eu me sinto mal por não ter podido evitar o problema.	1	2	3	4	5
25. Eu imagino e tenho desejos sobre como as coisas poderiam acontecer.	1	2	3	4	5
26. Eu me culpo.	1	2	3	4	5
27. Procuro um culpado para a situação.	1	2	3	4	5
28. Eu percebo que eu mesmo trouxe o problema Para mim.	1	2	3	4	5
29. procuro me afastar das pessoas em geral.	1	2	3	4	5
30. Descubro quem mais é ou foi responsável.	1	2	3	4	5
31. Eu brigo comigo mesmo; eu fico falado comigo mesmo o que devo fazer.	1	2	3	4	5
32. Eu desejaria mudar o modo como eu me sinto.	1	2	3	4	5
33. Eu me recuso a acreditar que isto esteja acontecendo.	1	2	3	4	5
34. Eu me apego à minha fé para superar esta situação.	1	2	3	4	5
35. Espero que um milagre aconteça.	1	2	3	4	5
36. Pratico mais a religião desde que tenho Esse problema.	1	2	3	4	5
37. Eu desejaria poder mudar o que aconteceu comigo.	1	2	3	4	5
38. Tento esquecer o problema todo.	1	2	3	4	5
39. Eu rezo / oro.	1	2	3	4	5
40. Eu sonho ou imagino um tempo melhor do que aquele em que estou.	1	2	3	4	5
41. Converso com alguém sobre como estou me sentindo.	1	2	3	4	5
42. Converso com alguém que possa fazer alguma coisa para resolver o meu problema.	1	2	3	4	5
43. Converso com alguém pra obter informações sobre a situação.	1	2	3	4	5
44. Peço conselho a um parente ou a um amigo que eu respeite.	1	2	3	4	5
45. Eu tento guardar meus sentimentos para Mim mesmo.	1	2	3	4	5

Anexo V – Questionário de Saúde Geral (QSG)

INSTRUÇÃO. Gostaríamos de saber como está o seu estado de saúde nas últimas semanas. Por favor, marque simplesmente um **X** na resposta que mais se aproxima do que você sente ou tem sentido. Lembre-se que queremos conhecer os problemas recentes e atuais, não os que você tenha tido no passado.

VOCÊ ULTIMAMENTE:

1. Tem podido concentrar-se bem no que faz?	
(1) Mais do que o de costume.	(3) Menos que o de costume.
(2) Igual ao de costume.	(4) Muito menos que o de costume.
2. Suas preocupações lhe têm feito perder muito o sono?	
(1) Absolutamente, não.	(3) Um pouco mais que o de costume.
(2) Não mais que o de costume.	(4) Muito mais que o de costume.
3. Tem sentido que tem um papel útil na vida?	
(1) Mais útil que o de costume.	(3) Menos útil que o de costume.
(2) Igual ao de costume.	(4) Muito menos útil que o de costume.
4. Tem se sentido capaz de tomar decisões?	
(1) Mais do que o de costume.	(3) Menos que o de costume.
(2) Igual ao de costume.	(4) Muito menos que o de costume.
5. Tem notado que está constantemente agoniado e tenso?	
(1) Absolutamente, não.	(3) Um pouco mais que o de costume.
(2) Não mais que o de costume.	(4) Muito mais que o de costume.
6. Tem tido a sensação de que não pode superar suas dificuldades?	
(1) Absolutamente, não.	(3) Um pouco mais que o de costume.
(2) Não mais que o de costume.	(4) Muito mais que o de costume.
7. Tem sido capaz de desfrutar de suas atividades normais de cada dia?	
(1) Mais do que o de costume.	(3) Menos que o de costume.
(2) Igual ao de costume.	(4) Muito menos que o de costume.
8. Tem sido capaz de enfrentar adequadamente todos os seus problemas?	
(1) Mais do que o de costume.	(3) Menos que o de costume.
(2) Igual ao de costume.	(4) Muito menos que o de costume.
9. Tem se sentido pouco feliz e deprimido(a)?	
(1) Absolutamente, não.	(3) Um pouco mais que o de costume.
(2) Não mais que o de costume.	(4) Muito mais que o de costume.
10. Tem perdido a confiança em si mesmo?	
(1) Absolutamente, não.	(3) Um pouco mais que o de costume.
(2) Não mais que o de costume.	(4) Muito mais que o de costume.
11. Tem pensado que você é uma pessoa que não serve para nada?	
(1) Absolutamente, não.	(3) Um pouco mais que o de costume.
(2) Não mais que o de costume.	(4) Muito mais que o de costume.
12. Sente-se razoavelmente feliz considerando todas as circunstâncias?	
(1) Mais do que o de costume.	(3) Menos que o de costume.
(2) Igual ao de costume.	(4) Muito menos que o de costume.

Anexo VI – Questionário Sócio-Demográfico

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA. Finalmente, gostaríamos de conhecer algo mais acerca dos participantes deste estudo. Responda a todas as questões abaixo. Muito obrigado!

1. Idade: _____ anos

2. Sexo: ☐ Masculino

☐ Feminino

3. Estado Civil:

☐ Casado/Convivente

☐ Solteiro

☐ Viúvo

☐ Separado/Divorciado

4. Indique o curso que está fazendo: _____
Encontra em que Período? _____

5. A sua renda familiar é:

☐ Menor que 5 salários mínimos

☐ Entre 5 e 10 salários mínimos

☐ Entre 10 e 20 salários mínimos

☐ Entre 20 e 30 salários mínimos

☐ Superior a 30 salários mínimos

6. O quanto você se considera uma pessoa religiosa (circule)?

Nada Religiosa 0 1 2 3 4 **Muito Religiosa**

7. Qual é a sua religião? _____

SUA PARTICIPAÇÃO FOI MUITO VALIOSA!
MUITO OBRIGADO!



PSICOLOGIA
COGNITIVA

Marcilio Lira de Souza Filho
(liradesouza@yahoo.com.br)

Prof. Dr. Antônio Roazzi
(roazzi@ufpe.br)